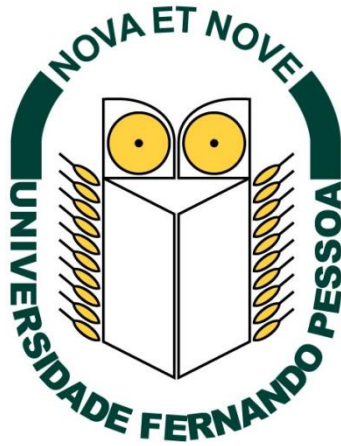


Mário Manuel dos Santos Miranda



# **Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde**

**A COMUNICAÇÃO FAMILIAR E O AUTOCONCEITO DOS  
ADOLESCENTES: PERSPETIVA DOS FILHOS**

**Porto**

2023

**A COMUNICAÇÃO FAMILIAR E O AUTOCONCEITO DOS  
ADOLESCENTES: PERSPETIVA DOS FILHOS**

**Mário Manuel dos Santos Miranda**

Ass: \_\_\_\_\_

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos para obtenção de Grau Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob Orientação da Professora Doutora Ana Rodrigues da Costa.

**Porto**

2023

## Resumo

No cerne do presente estudo encontra-se o intuito primordial de verificar qual o reflexo que a comunicação familiar tem no autoconceito dos adolescentes, segundo os filhos. Com o decurso da investigação objetivou-se a pretensão em aferir incongruências constatadas durante a revisão da literatura acerca do autoconceito. Tratando-se de um estudo transversal e quantitativo a produção da presente investigação contou com 41 participantes, de ambos os sexos (51,2% sexo masculino e 48.8% sexo feminino) com idades compreendidas entre os 10 e o 16 anos ( $M=13,73$ ;  $Dp=2,025$ ), tendo sido utilizados os seguintes instrumentos: Questionário sociodemográfico; Parent-Adolescent Communication Scale(PACS); e por último a Escala de Autoconceito de Adolescentes – Versão Reduzida (EAA-VR30). A condução deste estudo segue uma abordagem metodológica objetiva e ética, a qual careceu de aprovação por parte da comissão de ética da Universidade Fernando Pessoa, sendo posteriormente realizadas articulações com instituições de ensino de forma a coletar dados, tendo em consideração os objetivos afetos ao mesmo. A coleta de dados decorre de um processo metodológico em articulação com diversas entidades, o qual careceu inequivocamente de pareceres e consentimentos positivos à realização desta investigação, além dos mencionados, especialmente junto dos encarregados de educação e dos participantes, estes últimos sob a forma de assentimento informado, de forma a indicar a sua autorização e participação voluntária no estudo, posteriormente à administração dos instrumentos supramencionados todo o material foi destruído após a inserção dos dados no SPSS – *Statistical Package for Social Sciences* (versão 29), programa este utilizado para o tratamento dos dados.

Os resultados mais significativos obtidos, através do presente estudo são a existência de correlação entre a comunicação familiar e o autoconceito dos filhos, sendo que os filhos(sexo masculino) percecionam a comunicação de forma mais positiva com ambos os pais, respeitadamente à comunicação aberta com a mãe, há diferenças significativas entre os 10 e 12 anos e os 15 e 16 anos, sendo a favor entre os 10 e 12 anos, contudo relativamente aos problemas de comunicação verifica-se que há mais problemas comunicacionais com a mãe entre os 15 e 16 anos de idade dos filhos.

Palavras-chave: comunicação familiar, adolescência, adolescente, autoconceito

## Abstract

At the heart of this study is the primary aim of verifying the impact that family communication has on adolescent's self-concept. Throughout the course of the investigation, the aim was to assess discrepancies identified during de literature review on self-concept. This is a cross-sectional, quantitative study which involved 41 participants of both sexes (51.2% male and 48.8% female) aged between 10 and 16 years ( $M=13.73;Dp=2.025$ ), using the following instruments: Sociodemographic questionnaire; Parent-Adolescent Communication Scale (PACS); and finally the Adolescent Self-Concept Scale - Reduced Version (EAA-VR30). This study follows an objective and ethical methodological approach, which required approval from the ethics committee of the Fernando Pessoa University, and was subsequently coordinated with educational institutions in order to collect data, taking into account the objectives of the study. Data collection is the result of a methodological process in conjunction with various entities, which unequivocally required positive opinions and consents to carry out this research, in addition to those mentioned, especially from the parents and participants, the latter in the form of informed consent, in order to indicate their authorization and voluntary participation in the study, after the administration of the aforementioned instruments all the material was destroyed after inserting the data into SPSS - Statistical Package for Social Sciences (version 29), the program used for data processing.

The most significant results obtained through this study are the existence of a correlation between family communication and children's self-concept, with male children perceiving communication more positively with both parents, with regard to open communication with the mother, there are significant differences between the ages of 10 and 12 and 15 and 16, in favor between the ages of 10 and 12, however with regard to communication problems, there are more communication problems with the mother between the ages of 15 and 16 of the children.

Keywords: family communication, adolescence, adolescent, self-concept

## Índice

Introdução Geral .....	1
Capítulo I – Adolescência e Família.....	4
Introdução .....	5
1-Adolescência .....	5
1.1- Caracterização .....	5
1.2- Variáveis que Moldam o Desenvolvimento .....	8
1.3- Comportamentos Relacionais.....	10
2-Família.....	12
2.1-Sistema Familiar e Estilos Parentais .....	14
Síntese.....	18
Capítulo II – Comunicação Familiar e o Autoconceito dos Adolescentes .....	19
Introdução .....	20
3-Comunicação Familiar .....	20
3.1- Comunicação.....	20
3.2- Comunicação Parento-Filial.....	23
3.3- Variáveis com Influência na Comunicação Familiar .....	26
4- Autoconceito .....	27
4.1- Variáveis e Dimensões do Autoconceito .....	29
4.2- Evolução do Autoconceito .....	30
Síntese.....	32
II-Estudo Empírico .....	33
1- Introdução.....	34
2-Objetivos .....	35
Descrição das variáveis .....	36
3. Método.....	37
3.1-Participantes .....	38
3.2-Materiais .....	40

3.3-Procedimentos.....	43
4- Resultados .....	45
5-Discussão de Resultados .....	50
Síntese.....	52
6-Conclusão Geral .....	53
Referências Bibliográficas .....	56

#### Anexos

Anexo a

Anexo b

Anexo c

Anexo d

Anexo e

Anexo f

Anexo g

## Introdução Geral

O objetivo integral deste trabalho é aferir em que medida a comunicação familiar se traduz no autoconceito dos jovens adolescentes, sendo esta considerada na literatura como uma fase turbulenta no desenvolvimento dos sujeitos.

Como supramencionado a adolescência é caracterizada por vezes como um período conturbado, numa busca pela independência, autonomia e identidade, geralmente as regras são levadas ao limite e até mesmo contestadas pelos adolescentes. Para uma relação ser saudável, é necessário que os progenitores compreendam que os filhos buscam padrões para a formação da identidade e não apenas com o intuito de confrontar os pais como a maioria manifesta (Fraiman, 2011). Autores como Blos (1996), Osório (1992), entre outros concluem que este fenómeno ocorre, pois há um maior questionamento do filho adolescente para com as regras, crenças familiares e os valores.

É nesta fase do desenvolvimento humano em que ocorrem diversas mudanças com certa relevância, sejam elas físicas, mentais e sociais, na qual a família costuma ser posta de parte, Steinberg (2014) que refere que na adolescência ocorrem diversas mudanças nas dinâmicas de comunicação. Zagury (1996) admite que os pais dos adolescentes se surpreendem quando percebem que os filhos não partilham todos os detalhes com eles; sendo assim as informações, ações e experiências pelas quais os jovens passam, possam ser omitidas ou até mesmo adulteradas, “pois os jovens acabam por não confiar em seus pais que se mostram incapazes de perceber as mudanças de seus filhos adolescentes” (Wagner et al., 2005, p. 277), desta forma os jovens direcionam-se para o seu ambiente social circunscrito aos pares, para se apoiar, desabafar e aconselhar, por vezes não sendo a melhor opção pela carência de experiências, ou até mesmo pela manipulação e persuasão por vezes implícita nesses aconselhamentos.

Para Bester (2007) torna-se evidente que no decorrer desta etapa seja necessário para o desenvolvimento ideal do adolescente que exista uma redefinição das relações que este

mantém seja com os pais ou com os pares, pois o tempo de relação com os pares aumenta, por sua vez o tempo despendido com os pais diminui. Loios (2014) considera que é necessário ajustar a relação entre pais e filhos, de forma a promover a autonomia de crianças e adolescentes, atendendo que a puberdade é caracterizada pela mudança. Parte-se assim do pressuposto de que, ao alargar as fronteiras os filhos acabem por confiar mais nos seus progenitores, potencializando a manifestação dos seus sentimentos e dúvidas sem que se sintam ameaçados ou limitados em toda a sua expressão. Endossando esta ideia Lin, et al. (2008) conclui que, a partir de uma amostra com 9586 adolescentes, que as características familiares influenciam de forma significativa o desenvolvimento dos adolescentes. Esta conclusão é partilhada por Rohany, Ahmad, Rozainee & Shahrazad (2011) que consideram que a família tem um papel relevante no desenvolvimento do adolescente, fundamentalmente na formação da identidade e do autoconceito.

Costa (2000; 2012) considera o autoconceito como o construto de perceções que o individuo tem de si mesmo, nas mais diversas dimensões, sendo que a avaliação global constituída através de uma síntese singular (pessoal) das avaliações e interpretações das suas experiências antecedentes nos diferentes domínios.

Neste sentido, o construto do autoconceito resulta das suas variáveis sejam elas, internas (personalidade, características físicas ou competências), e externas (experiências de vida e relações interpessoais).

Vários estudos têm apresentado evidências na relação entre a comunicação familiar e o autoconceito. Araújo (2016) no seu estudo a adolescentes brasileiros, revela que aqueles que percebiam uma comunicação familiar positiva tinham também maiores níveis de autoestima e autoconceito, que aqueles que percebiam a comunicação familiar como negativa. Um outro estudo, realizado com mães e filhas, conduzido por Cunha, (2016, mostra também que uma comunicação positiva está associada a um maior nível de autoconceito das filhas adolescentes.

O presente estudo objetiva investigar de que forma a comunicação familiar se reflete e se traduz no autoconceito dos adolescentes, dissecando as variáveis em questão,

relacionando-as com o período desenvolvimental e as mudanças que se verificam no mesmo, além de confirmar ou infirmar, questões divergentes, apontadas pela literatura, nomeadamente acerca do aumento ou decréscimo dos níveis de autoconceito com o decorrer da idade.

A estrutura deste estudo divide-se em três capítulos, sendo os dois iniciais dedicados à adolescência e a família, à comunicação familiar e ao autoconceito dos adolescentes, respetivamente. O último capítulo é dedicado integralmente ao estudo empírico a que se dedica a investigação realizada.

## **Capítulo I – Adolescência e Família**

## **Introdução**

A adolescência é uma fase que porta marcada importância no desenvolvimento do ser humano, na qual se verifica diversas mudanças, nas mais diversas dimensões, sejam elas internas ao sujeito, no seu ecossistema ou a relação entre ambas.

Este capítulo dedica-se essencialmente à exploração do estágio desenvolvimental (adolescência) e da família, abordando aspectos tais como as dinâmicas, mudanças inerentes ao estágio desenvolvimental, sistemas familiares e estilos parentais, à medida que o jovens tentam alcançar a independência e uma compreensão aprofundada de si mesmos, consequentemente a mudança das esferas de suporte, salientando a importância das interações positivas entre a família e os jovens, neste processo de emancipação.

Num nível mais profundo este capítulo almeja aprofundar a compreensão acerca da adolescência e de como as famílias podem contribuir para o desenvolvimento positivo e saudável dos adolescentes, como também por sua vez como os adolescentes influenciam as dinâmicas familiares.

## **1-Adolescência**

### **1.1- Caracterização**

A Organização Mundial de Saúde (OMS), define a idade cronológica da adolescência situada entre os 10 e os 19 anos, já a Organização das Nações Unidas (ONU) posiciona este intervalo cronológico entre os 15 e os 24 anos de idade (Gaspar, et al., 2021).

Tendo em consideração os intervalos de idade supracitados, podemos ainda dividir a entrada na adolescência, por norma, em três fases: 1ª-Adolescência precoce, entre os 10 e os 12 anos de idade; 2ª-Adolescência média, compreendida entre os 13 e os 16 anos de idade; 3ª-Adolescência tardia, acima dos 17 anos de idade (Faria, 2015).

Geralmente este período, inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e tem como término a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta (Formigli, Costa, & Porto, 2000). Contudo; a idade é uma característica intrínseca que delimita este período desenvolvimental e é mais adequada para avaliar e comparar as mudanças biológicas que integram a adolescência, tais como a puberdade, em contraste com as mudanças sociais, cuja intensidade varia frequentemente de forma significativa em resposta a influências socioculturais do seu ecossistema (Gaspar, . et al., 2021).

O termo adolescência deriva do latim *adolescere* que significa crescer. Esta etapa do desenvolvimento humano, muitas vezes caracterizada como uma simples transição da infância e a idade adulta, esta constitui uma etapa decisiva no processo de desvinculação da família, numa busca pela independência e autonomia, passou a adquirir um sentido em si mesmo, como um estágio do ciclo vital. Para Gaspar et al.(2021) a definição deste conceito deve estar inclusa a sua multiplicidade e abrangência, tendo em consideração as suas características específicas. No presente período do desenvolvimento humano, verificam-se diversas mudanças físicas, emocionais, psicológicas, sociais e psicossociais, em congruência com Schoen-Ferreira et al. (2010) referem que durante a adolescência verificam-se adaptações às novas dimensões físicas, psicológicas e ambientais; só por si estas mudanças não convertem a pessoa em adulto, na qual a maturidade do Ser carece das mais variadas e menos explícitas mudanças e adaptações. Estas incluem as alterações cognitivas, sociais e de perspectiva sobre a vida (Martins, Trindade & Almeida, 2003; Santos 2005).

A adolescência destaca-se como um período fundamental do desenvolvimento humano, caracterizado pelo envolvimento de oportunidades, riscos e desafios o que requer naturalmente flexibilidade, ajustamento como também adaptação interna e externa. Em harmonia com Gaspar,. et al. (2021), os quais referem que esta pode ser vista como um período também propício ao desenvolvimento de competências, no qual está repleta de oportunidades e potencialidades; Cervený e Berthoud (2009) dirigem-se à adolescência caracterizando a mesma como um período aquisitivo de novas responsabilidades, tanto no seio familiar como para com a sociedade, como também marcada pelas novas exigências e significados existenciais

Diversos autores, como Ferreira (2011), Lemos (2010), Nardy, Jahn e Dell'Aglio (2014), consideram que os fatores individuais e contextuais, podem representar riscos, no decorrer da jornada de vida dos adolescentes. Neste sentido Dias (2016), destaca a importância das estratégias e das intervenções de forma a potencializar os fatores de proteção e o desenvolvimento saudável dos adolescentes.

Brofenbrenner (2001; 2005) admite que para o desenvolvimento positivo e saudável dos adolescentes, implica uma abordagem desenvolvimental, ecológica e sistêmica, a qual expõe diversas possibilidades para o investigador de forma a analisar aspectos inerentes à pessoa em desenvolvimento, tais como o contexto em que vive e dos processos interativos que têm influência na maturação humana, num determinado intervalo de tempo. Que pode ser organizada em seis dimensões interligadas entre si: as dimensões biológica/fisiológica e a dimensão psicológica ao nível macro; e as dimensões ambiental, social, socioeconómica e cultural ao nível macro (Gaspar, et al., 2021)

De acordo com Wagner, Falcke, Silveira e Mossmann (2002) este período é geralmente caracterizado pela turbulência e pela confrontação relativamente à autoridade geral e da aceitação das regras e normas impostas pelo adulto, afirmando que isto é imprescindível para o desenvolvimento da sua identidade.

Neste sentido, a adolescência é caracterizada como uma etapa na qual ocorrem diversas transformações que, por sua vez, portam novos desafios e uma necessidade de desenvolvimento e ajustamento de competências.

Para uma evolução de forma positiva é requerida a identificação dos seus próprios recursos e dos envoltos no seu ecossistema, especificamente, os talentos, forças, interesses, as oportunidades e expectativas, de forma a otimizar o desenvolvimento desses talentos, estando dependente de uma relação positiva e sustentável com os adultos ao seu redor; da realização de ações/atividades com o propósito a aprimorar competências, como a autorregulação e os cinco “c”: caráter, cuidado, confiança, conexão e compaixão (Lerner et al., 2005). Gaspar et al. (2021) postula que é primordial para o desenvolvimento integral, positivo e saudável dos adolescentes, que estes adquiram e cultivem

competências socioemocionais de forma adequada às exigências da contemporaneidade, requerendo a envolvimento dos contextos e sujeitos significativos, designadamente a família, o seu grupo de pares, a escola e a sociedade”. Para os mesmos autores associado a este desenvolvimento positivo estão afetos vários domínios tais como:

Domínio material - Situação económica, qualidade da habitação, do transporte;

Domínio físico - que envolve a saúde, a capacidade física, a mobilidade, a segurança pessoal;

Domínio social – associado às relações interpessoais, ao sentido de pertença e ao envolvimento comunitário;

Domínio emocional – relacionado com o positivismo/otimismo, o estatuto, o respeito, a saúde mental, o stress, a fé, a crença e a autoestima;

Domínio produtivo – relacionado com a competência, o sucesso académico, a produtividade e a contribuição.

## **1.2-Variáveis que Moldam o Desenvolvimento**

No decorrer do desenvolvimento do ser humano, como ser ativo e pensante, nomeadamente, a partir da segunda infância, quando a compreensão emocional e o autoconceito se tornam mais complexos, advém também o surgimento de uma maior autonomia e autocontrolo face ao estágio anterior, como também a identidade de género se desenvolve na presente etapa. Em congruência com Papalia et al. (2006) surge de igual modo o altruísmo, os medos e a agressividade.

Com o início da adolescência, tendo como marco o início da puberdade, acarreta não só mudanças físicas inerentes, como também ocorrem desenvolvimentos importantes quer sejam hormonais e neuronais.

Gaspar et al. (2021) mencionam que ocorrem diversas mudanças em diversas regiões do cérebro, nomeadamente no sistema límbico, este responsável pelo processamento de recompensas e pela busca de prazer, respostas emocionais e regulação do sono, verificam-se ainda mudanças no córtex pré-frontal, tendo esta região a responsabilidade das funções executivas, descritivamente, a tomada de decisão, organização, controlo de impulsos e

planeamento para o futuro, salientando que as mudanças no sistema límbico antecedem as no córtex pré-frontal; as alterações que acontecem no ambiente do jovem em desenvolvimento afetam e são afetadas pelas próprias alterações intrínsecas da adolescência; estes fatores externos, diferem consoante o ambiente em que o jovem está inserido, fatores designadamente como a cultura, as sociedades, expectativas de vida, estando inclusas as normas e os valores sociais e a alteração de papéis; reiterando que as mudanças ao nível dos construtos biológicos, psicológicos e sociais são moldadas pelas características pessoais e demográficas do sujeito, tais como género, a resposta singular às mudanças e transformações, a estrutura familiar, o estatuto socioeconómico e a comunidade à qual esta inserido, sendo que estes elementos apresentam repercussões ligadas à autonomia, à identidade, à realização, intimidade, sexualidade e ao ajuste psicossocial.

Para um desenvolvimento psicossocial saudável e positivo, existem fatores intrínsecos (características individuais) e extrínsecos (ecológicos) ao adolescente, que o influenciam neste desenvolvimento, particularmente características relativas à família, tal com supramencionado, o estatuto socioeconómico, o estilo parental, o stress parental e os acontecimentos de vida (Gaspar et al., 2021).

A desvantagem socioeconómica, o isolamento social, as condições de vida pobres, as famílias monoparentais, a violência e os conflitos interpessoais entre membros da família, a psicopatologia dos pais, os elevados níveis de stress e a falta de suporte social estão geralmente associados a problemas de comportamento na adolescência (Brofenbrenner, 2001; 2005).

Desta forma, é admissível supor que as dinâmicas relacionais familiares e sociais, bem como as condições e eventos biográficos, exercem relevada influência no desenvolvimento positivo e saudável do adolescente, implicando que ambientes permeados por elevados níveis de stress durante o período de desenvolvimento do mesmo, possa inerentemente repercutir no bem-estar do jovem.

### 1.3-Comportamentos Relacionais

As transformações sentidas pelo jovem repercutem não só no mesmo, como também em todo o seu círculo social e familiar circunscrito. Num primeiro estágio do desenvolvimento os jovens apoiam-se na sua família, aquando da adolescência numa busca incessante pela construção da sua identidade, acompanhada pela autonomia e independência, como também numa tentativa de desvinculação do seu círculo familiar, o adolescente irá apoiar-se no seu grupo de pares, com vista ao desenvolvimento da sua identidade (Wagner, Falcke, Silveira & Mossmann, 2002);

Num movimento de constante transição, o adolescente volta-se para o seu meio social, apoiando-se no seu grupo de pares em detrimento da sua família. Sendo assim as informações, ações, experiências e expectativas pelas quais os jovens passam, poderão ser omitidas ou até mesmo adulteradas. Pois os jovens acabam por não confiar nos seus pais, pois estes mostram-se incapazes de perceber as mudanças dos seus filhos adolescentes (Wagner et al., 2005). Assim, quando os jovens se direcionam para o seu ambiente social circunscrito, particularmente o seu grupo de pares, para se apoiar, desabafar e aconselhar, por vezes poderá não ser a melhor decisão tomada, ou mais sensata, devido à falta de experiências vividas pelos pares, bem como a possibilidade de estar implícita a manipulação e persuasão respeitante aos aconselhamentos recebidos. O que necessariamente poderá afetar o canal de comunicação, outrora estabelecido entre os jovens e os seus progenitores, podendo se distanciar, ou até mesmo cessar.

A capacidade para formar e manter relações de amizade satisfatórias com os pares constitui um indicador fidedigno da saúde, quer física como mental do adolescente (Carvalho & Novo, 2013; Rabaglietti & Ciairano, 2008). Papalia et al. (2008) e Senna e Dessen (2015) alegam que as dinâmicas de integração social, especificamente os grupos de pares passam a portar uma relevada importância, influenciando os comportamentos para a saúde dos indivíduos e contribuem para a elevação de construtos relevantes como o autoconceito e a autoestima, Freitas (2014) corrobora estes afirmando que, a capacidade de construção e manutenção de relações com os pares além de ser um fator psicossocial protetor está associado também a níveis superiores de autoestima, autoeficácia e bem-estar.

Salientando-se assim a influência que o meio sociocultural assume no que respeita à modelagem do autoconceito, durante o desenvolvimento do jovem. Em 2009, Sapienza, Aznar-Farias e Silvares, num estudo sobre as competências sociais, as práticas educativas parentais e o aproveitamento escolar dos adolescentes, demonstram que existe correlação entre problemas de comportamento e autoestima, mau desempenho escolar e competências sociais escassas. O que de acordo com as autoras o jovem, ou adolescente, tem necessariamente que interagir positivamente com os seus pares e professores, ao invés de assimilar apenas o conteúdo lecionado. O que evidencia o facto de as competências sociais assumirem marcada importância para um bom autoconceito, segundo as autoras: com o início da adolescência advém também pressões por parte dos pais, pares e até por parte do mesmo (adolescente) para corresponder a um arquétipo de desempenho, geralmente definido pelo desempenho académico, que inclui as notas e o comportamento exemplar na escola; um dos principais desafios para o estudante adolescente é o de corresponder e se ajustar às expectativas dos professores e aos padrões estabelecidos pelos colegas em relação a esse mesmo desempenho (Sapienza, Aznar-Farias e Silvares, 2009). Congruentemente com a evidência apresentada Faria (2005) defende num mesmo sentido que o autoconceito é um predador significativo, no que respeita ao comportamento e conseqüentemente à adaptação dos sujeitos aos diferentes contextos; sendo que a literatura apresenta evidências corroborando o pensamento de que as relações estabelecidas entre os sujeitos e os pares, numa relação de amizade, influenciam dimensões específicas do autoconceito, tais como as percepções relacionadas com a aceitação social, sublinhando que as amizades percebidas como positivas colaboram para a um bom desenvolvimento do autoconceito e vice-versa (Capelinha, 2013).

Del Prette (2003) afirma que jovens que apresentam uma escolarização mais baixa, tendem a avaliar-se menos inteligentes, menos colaborativos, menos queridos, além de apresentarem problemas de interação social. Em consonância, num estudo com o intuito de avaliar o efeito de competência e género no autoconceito de adolescente, Rath e Nanda (2012) demonstram que os adolescentes que apresentam melhores resultados académicos apresentam, de igual forma, um melhor nível de autoconceito.

## **2-Família**

A família é encarada como uma unidade social, cuja função é a socialização dos adolescentes por meio da educação, transmissão de valores e cultura, tendo uma forte influência no seu comportamento, dado que é com ela que aprendem as diferentes formas de coexistir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais (Dessen & Polonia, 2007).

A esta representa um coletivo social complexo, que porta consigo uma imensa responsabilidade e importância no que respeita à formação e ao desenvolvimento humano, mais especificamente na adolescência, pois é neste período do desenvolvimento que, segundo Papalia, Olds e Felman (2013) os adolescentes testam os limites e possibilidades face às figuras parentais e adultos em geral; o que poderá levar a consequências tal como afirma Gardner e Steinberg (2005) que é nesta fase do desenvolvimento que os comportamentos de risco são mais frequentes; portanto o jovem terá uma maior preponderância para se apoiar no seu grupo de pares em detrimento da sua família.

Autores como Gaspar et al. (2012) e Morgan (2007) enfatizam que os contextos sociais mais relevantes para adolescentes são a família, a escola e o grupo de pares.

O papel das famílias e da escola são fundamentais para desenvolvimento saudável dos adolescentes, Stocker et al. (2007), destacam a importância da comunicação e ressaltam que uma boa comunicação emocional reduz a probabilidade de problemas emocionais nos adolescentes; promovendo um desenvolvimento saudável e positiva por parte do jovem; também o contexto escolar adquire marcada importância, Carvalho (2011) dirige-se a este contexto como o primeiro ensaio das relações intrapessoais, do qual decorrem conflitos entre as novas aprendizagens, experiências e regras que foram apreendidas no contexto familiar.

A representação imagética que geramos em relação à família é quase automática, de um espaço seguro e estável, que nos transmite confiança, paz, segurança, que nos acolhe, que nos aceita, que nos suporta; em simultaneidade este mesmo espaço pode ser o mesmo que

nos transmite o inverso, causando dúvida e insegurança, que conseqüentemente poderá levar à implosão do Ser, gerando uma deturpação da realidade existencial, e das competências deste em que, a percepção pelo adolescente, de um ambiente familiar desadequado se encontra relacionado com a utilização de estratégias de *coping* desadaptativas, bem como ao seu próprio desajustamento psicossocial. (Loios, 2014)

Ao longo dos tempos a família, bem como a sua estrutura e dinâmicas familiares têm sofrido diversas alterações e metamorfoses, sendo que esta desempenha um papel fundamental em todo o ciclo vital do Ser, podendo ser caracterizada como um sistema vivo e aberto, em constante mutação, permitindo trocas com o seu ecossistema. Isso porque, do ponto de vista sistémico, a família é necessariamente um conjunto de indivíduos em constante interação, apresentando uma história comum, a qual tem sido ancorada, ao longo dos tempos, em regras, comportamentos, mitos e crenças partilhados e validados por todos os membros que constituem este sistema (Carranza & Pedrão, 2005). Desta forma a família poderá ser vista como uma comunidade intersubjetiva, na qual cada elemento que a constitui, partilha, estrutura, constrói significados para as suas experiências, sendo estas o reflexo da intersubjetividade familiar.

Independentemente da sua estrutura e configuração, a família é o palco em que se vivem as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana. É o lugar onde é possível a convivência do amor e do ódio, da alegria e da tristeza, do desespero e da esperança. A busca do equilíbrio entre tais emoções, somada às diversas transformações na configuração deste grupo social, tem-se caracterizado uma tarefa ainda mais complexa a ser realizada pelas novas famílias (Wagner, 2002, p. 35-36).

Partindo desta citação, podemos assumir que a família é o contexto mais significativo para o desenvolvimento do Ser humano, independentemente da sua estrutura, quer seja uma; família nuclear, família monoparental, família extensa e família recomposta, entre outras (Bergen, 2008), pois é neste contexto que a arte da construção das relações começa a tomar forma, e ao longo do tempo é moldada a partir da interpretação que o jovem tem do seu próprio sistema familiar envolvente. Esta interpretação será refletida no seu

comportamento social, contudo cada família é diferente entre si, tendo portanto as suas próprias dinâmicas, crenças e valores.

Maluf (2010) expressa que a função social da família consiste na proteção dos membros que a formam, concedendo afeto e segurança e contribuindo para o desenvolvimento da subjetividade, em conformidade com o período histórico onde se encontra, tendo como propósito o de aprender a interagir no meio social, conseqüentemente estruturando o sujeito na sua formação e socialização.

Taborda Simões, Martins e Formosinho (2006) admitem que o exercício da parentalidade reflete-se em três grande funções, descritivamente:

- (a) O exercício da autoridade – refere-se essencialmente ao desempenho da função executiva, mediado pelos estilos e práticas parentais (Baumrind, 2005);
- (b) A promoção da socialização e da individualização – respeitante a esta tarefa está inerentemente a promoção da autonomia, que tem em consideração facilitar a emancipação da criança (Relvas & Alarcão, 2002);
- (c) A afetividade associada à prestação de cuidados e conseqüentemente à qualidade da vinculação – representam outra responsabilidade fundamental no exercício da parentalidade, associados à vinculação e à afetividade positiva (Cummings & Cummings, 2002; Herbert, 2004).

## **2.1-Sistema Familiar e Estilos Parentais**

O Sistema Familiar pode ser descrito por: a) estar em constante transformação, b) ser ativo e autorregulado, c) estar aberto à interação com outros subsistemas e d) a sua organização sistémica (Alarcão, 2006).

No que refere ao sistema familiar, este é constituído por diversos subsistemas relacionais únicos, tais como, pai-adolescente, mãe-adolescente, pai-mãe-adolescente, cada um destes tem influência e é influenciado, pelos outros subsistemas existentes; de acordo com a perspectiva sistémica a família pode ser caracterizada a partir da natureza das relações que se estabelecem entre os seu membros, isto é, a forma como interação entre si e como se encontram vinculados nos diferentes papéis e subsistemas (Sudbrack, 2001); dentro da qual se geram relações e emoções independentes dos vínculos biológicos (Alarcão, 2006). Desta forma a interdependência dos membros exerce influências uns nos outros, podemos então caracterizar a família como um todo integrado e complexo; além disso, a família pode ser considerada como um sistema dentro de outro sistema – o social, sofrendo influências constantes deste último, além de o influenciar também (Sudbrack, 2001); desta forma as dinâmicas familiares, serão o reflexo do ambiente em que estão inseridos.

Ao longo dos tempos as famílias passaram por variadas metamorfoses, de forma a se ajustar ao tempo vivido; os desafios que a família contemporânea trouxera para os seus membros, fizeram com que as novas relações familiares fossem transformadas continuamente, devido às divergências entre o modelo hierárquico tradicional e o igualitário, sendo este, sob um estilo baseado no afeto, diálogo e compreensão, inclusive, por pais que vieram do sistema tradicionalmente hierárquico (Stengel, 2011). Contudo, em congruência com Zamberlam (2001) que afirma que com a diminuição da influência das duras regras sociais, os pais não sabem quais condutas adotar na interação educativa com os filhos, procurando seguir exemplos de outras culturas, através do sistema de comunicação globalizado.

Os estilos parentais são caracterizados por "manifestações dos pais em direção a seus filhos que caracterizam a natureza da interação entre esses" (Reppold & cols., 2002, p. 23).

Baumrind (1966), através das suas pesquisas sobre, como os diferentes padrões de controlo parental se reflete no desenvolvimento dos filhos e respeitantes progenitores, classificou os estilos parentais em três:

- (a) Autoritário – nível alto de exigência e baixo de responsividade
- (b) Autoritativo – níveis altos de exigência e responsividade
- (c) Permissivo:

1. Indulgente- Nível alto de responsividade e baixo de exigência
2. Negligente- Baixos níveis de exigência e responsividade

A dimensão de exigência refere-se ao controlo do comportamento e à estipulação de metas e regras de conduta, de modo a que os pais controlem o comportamento dos seus filhos, estabelecendo regras e limites (Silva, Constantino & Rondini, 2012); Contudo a dimensão referente à responsividade, refere-se essencialmente à capacidade dos pais em atender às necessidades dos filhos bem como à sua singularidade, isto é, a sintonia e o envolvimento entre pais e filhos (Teixeira et al.,2004)

Cardoso e Veríssimo (2013) postulam que o estilo autoritativo, refere-se a pais que aceitam e respeitam a individualidade dos filhos reforçando os comportamentos positivos destes; os mesmos autores enfatizam que estes pais promovem um ambiente intelectualmente estimulante para os filhos existindo um equilíbrio entre os níveis de exigência e afetividade.

No que refere o estilo autoritário, é habitual as penalizações, ameaças, onde se verifica uma desvalorização do diálogo e da autonomia dos filhos; desta forma manifesta-se a imposição dos pais acerca da conduta dos seus filhos e a obediência através do respeito à autoridade e à ordem, existindo baixo envolvimento afetivo (Moreira, 2008); Existem diversos estudos, que referem que este estilo parental tem consequências comportamentais negativas, designadamente agressão, externalização e menor função emocional (Abadi, Kimiaee & Amir, 2011).

O estilo negligente existe pouco controlo por parte dos pais, em relação aos comportamentos dos filhos; para Moreira (2008) geralmente a criança regula as atividades familiares, pois os pais vão aceitando e tolerando os impulsos; desejos e comportamentos da criança, desta forma os pais assumem uma postura em que abdicam de impor controlo, restrições, como também posições de autoridade.

Por último, pais que adotem um estilo parental indulgente, é refletida nos seus filhos uma dificuldade na interiorização de valores, baixa autoestima, baixo controlo dos seus

impulsos, falta de confiança como também demonstram ser pouco obedientes (Torío, Peña & Inda, 2008)

Santos (2011) afirma que os pais exercem o seu papel de educadores com base nos valores construídos, adotando mecanismos que colaborem com as suas formas de transmiti-los; tem como génese o contínuo interesse de cuidar e proteger os filhos, procurando respeitar, compreender a sua individualidade e autonomia, sem descorar do compromisso de os orientar.

Zagury (2004) postula que o papel de educar não pode ser vista apenas como um dever, como também como um direito dos pais, o qual tem como premissa básica o de disciplinar os filhos. A autora reitera:

muitas vezes, os pais deixam de lado as atitudes disciplinadoras, contaminados pela ideia de que disciplinar é coisa relacionada ao autoritarismo das velhas gerações. Realmente não cabem atualmente atitudes autoritárias ou antidemocráticas. Mas convém distinguir entre as duas coisas. Disciplinar os filhos, desde que se aja dentro de princípios de respeito, justiça e equilíbrio e visando a socialização das novas gerações, nada tem de antiquado ou de antiliberal (p. 24-25).

Posto isto, proporcionar autonomia aos filhos não significa deixá-los livremente às suas vontades, visto que, além de caracterizar descuido com os filhos, expressa comportamento de abandono por não os orientar à equilibrada liberdade de escolhas (Baptista & Teodoro, 2012).

Em suma, para um desenvolvimento saudável dos filhos, deverá existir respeito e compreensão e proteção, promovendo a autonomia e a individualidade dos mesmos, através de um canal de comunicação eficaz e afetiva.

## Síntese

Em suma, com a fase do desenvolvimento retratada, emergem diversas transformações no adolescente, inerentes à puberdade e ao seu ecossistema nas quais as variáveis adjacentes se interrelacionam.

Partindo da literatura, no presente capítulo foi possível evidenciar a influência recíproca entre o ambiente e desenvolvimento positivo do indivíduo, no qual o ambiente exerce influência direta e o indivíduo, por sua vez também exerce influência no seu ambiente circundante. Concernente ao contexto da adolescência, exploramos as transformações que ocorrem nesta fase de desenvolvimento, inerentes à puberdade, acerca dos fatores intrínsecos e extrínsecos que particularmente influenciam a maturação do sujeito designadamente, as mudanças das esferas de suporte, adaptações, os comportamentos relacionais, além dos níveis de autoconceito e o sentimento de pertença.

Tal como demonstrado todas as variáveis anexas ao ambiente portam significativa relevância no desenvolvimento do adolescente, partindo do pressuposto de que a família representa o primeiro contacto relacional na vida do sujeito, independentemente da qualidade das dinâmicas familiares, o adolescente tende invariavelmente a replicar essas mesmas dinâmicas fora do contexto familiar, analisamos também de que forma as dinâmicas familiares e os estilos parentais se relacionam e influenciam o jovem.

Partimos do sentido lato dos conceitos no presente capítulo, com uma abordagem mais incisiva, subdividimos os mesmos, de forma a nos conduzir aos próximos tópicos do capítulo seguinte, com o intuito de nos encaminhar a uma compreensão mais profunda acerca da comunicação familiar e do autoconceito dos adolescentes respetivamente.

**Capítulo II – Comunicação Familiar e o Autoconceito dos Adolescentes**

## **Introdução**

Como constado no capítulo anterior, ocorrem diversas metamorfoses durante este estágio desenvolvimental, quer sejam intrínsecas ao indivíduo ou ao seu ecossistema. Um aspecto fulcral no decurso do processo de desenvolvimento é a comunicação familiar e de que forma esta se reflete no autoconceito dos adolescentes pelo que, no presente capítulo objetivamos explorar a dinâmica comunicacional familiar, dissecando a comunicação e de que forma esta influencia o adolescente, e quais as suas implicações na formação da identidade, a visão de si próprios, confiança e competências interpessoais.

Como supramencionado, exploramos a comunicação, partindo da sua caracterização passando à sua importância, aos seus tipos, padrões comunicacionais, a comunicação parento-filial e as variáveis que a influenciam, além de fazer uma associação com o autoconceito, que também será objeto da nossa atenção.

## **3-Comunicação Familiar**

### **3.1- Comunicação**

A comunicação assume um papel importante, em qualquer que seja a estrutura familiar bem como no exercício da parentalidade; a comunicação é componente vital na dinâmica familiar, tendo maior relevância durante a adolescência, devido às diversas mudanças que ocorrem neste período (Collins & Laursen, 2004); é através da comunicação que exprimimos sentimentos, emoções, necessidades, transmissão de mensagem, entre outros.

No seio familiar, a comunicação é um instrumento com acrescida importância, isto porque, é fundamental no processo da socialização, é no elemento comunicacional, que há uma continuidade nas regras do diálogo intrafamiliar (no interior da família) para outros subsistemas (exterior), com o jovem assumindo um papel mais preponderante na comunicação. (Lopes, 2020)

O processo comunicativo parento-filial, envolve necessariamente a assertividade comunicacional, a satisfação com o contexto familiar, a preocupação com os outros e a

capacidade de resolver conflitos, podendo funcionar como um instrumento de mediação e proteção para comportamentos de risco (Portugal & Alberto, 2013). Num estudo conduzido por Hillaker, BrophyHerb, Villarruel e Haas (2008), tendo como intuito o de compreender qual o reflexo da comunicação familiar na promoção de competências sociais e constatou-se que, manter uma comunicação parento-filial assertiva, promove a formação de competências sociais, designadamente: a tomada de decisão, desenvolvimento de competências interpessoais e de resiliência, na aprendizagem de valores sociais positivos como cuidar do próximo, senso de igualdade e justiça, honestidade, integridade e responsabilidade. A responsabilidade sobre a percepção de regras, a formação de normas e juízos de valor, bem como a definição de papéis, o desenvolvimento de competências sociais é sugerida e inculcada a crianças em idade escolar (Sprinthall & Collins, 2003; Silva, 2004; Fonseca, 2005).

Diversos estudos debruçam a sua análise na comunicação, ao nível da parentalidade, verificando-se que: por vezes a comunicação parento-filial não é tão frequente quanto o desejável na percepção dos filhos (Cia, Pamplin & Del Prette, 2006).

Fiese e Winter (2010) afirmam que quando os pais se envolvem em discussões abertas e construtivas com os seus filhos, existe uma maior preponderância de os influenciar de forma positiva nas suas escolhas e comportamentos. Desta forma a parentalidade promove relações familiares saudáveis e o bem-estar dos seus filhos.

Marshall (2001) especifica que o processo educacional não é o mesmo que o processo de comunicação; no que refere ao processo educacional, este indica informações de forma unidirecional, de pais para filhos, enquanto que o processo de comunicação é caracterizado como bidirecional, envolvendo ambas as partes num diálogo mútuo, no qual ambas as opiniões são valorizadas e respeitadas; contudo Aunola et al. (2002) expressam que, para diversos pais, aquilo que é fundamental é oferecer aos filhos uma boa educação em contexto escolar, dispensando-se do dever e direito de transmitir valores ou participar ativamente na vida dos seus filhos.

A comunicação envolve tudo o que tenha intenção comunicacional, não se cingindo apenas à reprodução de símbolos verbais, como também comportamentais, deste modo podemos dividir a comunicação em:

1. Verbal;
2. Não-verbal.

De acordo com Pagliuca et al. (2011) para que exista o ato de comunicação verbal, segundo a Teoria da Comunicação são necessários vários elementos, especificamente seis:

1. Remetente- ou emissor é toda a entidade que envia uma mensagem;
2. Mensagem- é o ato da fala, conjunto de enunciados;
3. Destinatário- entidade que recebe a mensagem;
4. Contexto- refere-se ao conteúdo, assunto da mensagem;
5. Código- é a língua com que se expressa, é o instrumento de fala, composto por um conjunto de símbolos verbais e a respetiva sintaxe;
6. Contato- ou canal, entende-se o meio físico por onde passa a mensagem, entre o emissor e o recetor da mensagem, podendo ser por meio sonoro, visual e também a conexão psicológica entre emissor e recetor (Jakobson, 2001).

A comunicação não-verbal, para Pagliuca et al. (2011) é mais emocional e sensitiva, sendo este um elemento surpresa que interfere com a comunicação verbal, embora esta última seja mais consciente e programada. Posto isto, a comunicação não-verbal é expressa de forma, por vezes, sem que tenhamos consciência (Santos & Shiratori. 2005); este tipo de comunicação tem a capacidade para reforçar, substituir ou contrariar a fala; através de gestos, expressões faciais, postura (movimentos e inclinações do corpo), a ocupação do espaço, o toque, entoação entre outros elementos. Assim, esta assume um papel notório no que respeita à interpretação das mensagens, corroborando assim com Mehrabian (1971), estudos sugerem que até 93% da comunicação é não verbal. Enfatizando desta forma a importância da comunicação não-verbal.

Alusivamente a estes tipos de comunicação pode-se inferir que estes não são independentes, mas sim dependentes ou interligados, contextualizando a mensagem.

Referentemente à teoria da comunicação (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1993), a composição da mesma é através de cinco axiomas da pragmática da comunicação humana. Este modelo faz corresponder duas concepções, a comunicação e o comportamento, ou seja, as demonstrações comportamentais utilizadas pelas pessoas materializam-se em comunicação (Lopes, 2020)

A primeira premissa declara a impossibilidade de não comunicar, uma vez que todo o comportamento humano cria comunicação; a segunda premissa infere a existência de dois níveis na comunicação, o conteúdo e a relação, sendo considerada a ambiguidade entre ambos os conceitos, a dificuldade; a terceira premissa refere que a comunicação modifica-se consoante a interpretação que cada um atribui às sequências de mensagens; a quarta premissa atesta que a comunicação pode ser analógica e digital, e que a comunicação não-verbal expressa sentimentos e emoções; a quinta e última premissa salienta a simetria e a complementaridade na comunicação, ou seja, na comunicação procura-se diminuir diferenças e destacar semelhanças, ou destacar diferenças e desvalorizar semelhanças, respetivamente (Portugal, 2013; Watzlawick et al., 1993 citado por. Lopes, 2020).

### **3.2- Comunicação Parento-Filial**

Na parentalidade a comunicação é significativa, visto que impacta diversas perspetivas dentro do contexto familiar, que compreende a natureza da relação entre os progenitores e os seus filhos (Endicott & Liopsis, 2005).

Com a busca do adolescente pela autonomia e a construção da sua identidade como ser ativo e pensante, crescem os desafios perante as famílias, nomeadamente os pais, em se ajustar às mudanças pelas quais os jovens passam; fazendo ajustes necessários para integrar essas mudanças (Maldonado, 1997); uma comunicação saudável promove o desenvolvimento da autonomia (Carr, 2006); Diversos estudos comprovam que na génese da estrutura familiar, a comunicação desempenha um papel fundamental para o comportamento biopsicossocial dos jovens (López, Ochoa, & Olaizola, 2005; Meschke & Juang, 2014; Zhiwen, Xiaoming & Stanton, 2011)

Famílias que apresentam padrões de comunicação assertivos e explícitos, tendem a adequar com substancial facilidade as suas competências de coerência e flexibilidade, com vista a responder às exigências desenvolvimentais e situacionais (Alarcão & Relvas, 2002).

Inversamente, caso a comunicação evidenciada for de cariz restritivo, denota-se o excesso de autoridade, ordens e ameaças por parte dos pais, conseqüentemente os filhos terão uma postura mais retraída (Lopes, 2020); evidenciando um recalçamento comunicacional; para os filhos exteriorizarem as suas emoções e as suas ambigüidades (Lopes, 2020); deste modo, quando se denote uma intercomunicação familiar fútil e escassa, os membros constituintes convivem de forma desinteressada e dialogam entre si somente sobre questões habituais do quotidiano (Wagner, Carpenedo, Melo, & Silveira, 2005)

Na contemporaneidade os padrões hierárquicos de outrora já não se enquadram, pelas diversas transformações na sociedade, implicitamente na estrutura familiar, e dinâmicas relacionais subseqüentes; atualmente as relações priorizam a independência e autonomia descartando posturas comportamentais de intolerância e/ou intransigência nas relações (Stengel, 2011).

A premissa básica da família reflete-se no dever de transmitir princípios éticos e morais pelos quais se regem, tendo em consideração, que existem princípios universais, os quais são fundamentais para a organização da coexistência em sociedade, nomeadamente o respeito pelo próximo como parte essencial nas relações familiares e sociais (Bedene, 2010); Contudo, diversas vezes os pais assumem uma postura liberal, renunciando assim ao seu direito e dever, de orientar a educação dos seus filhos.

Bolsoni-Silva et al. (2009) postulam que, quando os pais não permanecem firmes diretrizes disciplinares para com os filhos, estão a reforçar a indisciplina, que por sua vez se reflete nas adversidades em conseguir compreender, respeitar, estipular regras e limites em situações rotineiras; assim essa incapacidade irá refletir-se inadvertidamente no comportamento dos seus filhos, nos diversos contextos.

Com a entrada na adolescência, a qual pressupõe um aumento dos conflitos, uma mudança das esferas de suporte, da familiar que, devido à; incapacidade dos pais em atender as novas necessidades de autonomia dos adolescentes, o que leva a preferir passar mais tempo com o grupo de pares (Rodrigo, Garcia, Máiquez & Triana, 2005). Em congruência com Luís (2011), este refere que os progenitores devem continuar a impor alguns limites e determinar responsabilidades, preservando a supervisão mas, em circunstância alguma, conduzir esta postura de forma autoritária, confrontativa ou de monitorização excessiva, mas sim proporcionar um relacionamento equilibrado, baseando-se numa conduta de flexibilidade, tolerância e de comunicação aberta, de forma a permitir autonomia e liberdade aos seus filhos.

Autores como Jackson e cols (1998) e Ríos-Gozález (1994) postulam que quanto menor for o nível de desacordo entre pais e adolescente, melhor será o desenvolvimento das relações familiares. Seguindo esta ótica Morgado, Andrade, Santos e Narezi (2014) referem que é através de uma comunicação harmoniosa que a família vai redefinindo as novas representações de pais e filhos, privilegiando, a transmissão de afetividade por via do respeito e cuidado, devendo assim, assumir uma comunicação eficaz, assertiva e afetiva.

Para Steinberg (2001), a comunicação afetiva é uma envolve uma expressão afetiva e emocional, respeito, aceitação e compreensão incondicionais, Desta forma podemos constatar que pais que adotem uma postura de respeito mútuo, compreensão, empatia e escuta ativa promovem um ambiente acolhedor, seguro e de confiança para os filhos, permitindo-lhes assim que expressar os seus sentimentos, emoções e angústias, permitindo uma relação parento-filial positiva e saudável, bem como auxilia uma melhor interação social com os pares e menor probabilidade de apresentarem problemas comportamentais (Bohanek, Marin; Fivush & Duke, 2006) . Além disso, aliada à comunicação eficaz, esta sendo a capacidade para transmitir conhecimentos de forma clara, coerente e objetiva; permitindo que os valores, regras e limites sejam percebidos também pelos filhos da mesma forma. Cummings & Davies (2010) ressaltam que uma comunicação parento-filial eficaz é essencial de forma a evitar conflitos prejudiciais e fomentando relações saudáveis. Também no processo de comunicação parento filial, a

assertividade comunicacional (Portugal & Alberto, 2013) assume marcada importância a qual irá estabelecer, fortalecer, destacar e identificar o desempenho e comportamento dentro do sistema familiar (Lopes, 2020) bem como terá reflexo em outros sistemas relacionais, como Alarcão (2006) declara que se verifica uma continuidade projetiva das regras de comunicação intrafamiliares para os outros subsistemas, nomeadamente pares e escola, assumindo a criança um papel de gestão comunicacional.

### **3.3- Variáveis com Influência na Comunicação Familiar**

Segrin e Flora (2005) reiteram que a partir da literatura, esta revela que a comunicação estabelecida entre pais e filhos é determinada por diversos fatores: o sexo, tipologia familiar, o nível socioeconómico, a cultura e o nível de habilitações literárias.

Relativamente ao sexo dos progenitores de ambos os sexos, estes apresentam uma maior facilidade em dialogar com as filhas que com os filhos, visto que as raparigas tendencialmente têm uma maior expressão emocional que os rapazes, existindo uma inibição e/ou contenção por parte destes relativamente à expressão emocional (McNaughton, 2000). Autores como Patrick, Snyder, Scherepferman e Snyder (2005) postulam que as raparigas assumem uma postura comunicativa mais expansiva (desinibida), com ambos os progenitores, independentemente do seu sexo. Contudo, referentemente aos filhos, de ambos os sexos, têm uma preponderância a procurar a figura materna em detrimento da paterna, para se comunicar (Jiménez & Delgado, 2002)

A estrutura familiar ao longo dos anos sofreu diversas metamorfoses; filhos em que as famílias são reconstruídas, manifestam relacionamentos de menor confiança com ambos os pais, em comparação aos filhos de uma estrutura familiar nuclear (Lopes, 2020), permitindo auferir que menores níveis de confiança, impactarão negativamente o canal comunicacional, retraindo a procura à expressão, por parte dos filhos.

Dunn, Davies, O'Connor e Sturges (2001) destacam que famílias monoparentais demonstram uma maior propensão a partilhar mais experiências em família que crianças que vivem noutras configurações familiares.

Na dimensão socioeconómica segundo Jiménez & Delgado (2002), esta impacta negativamente, o canal comunicacional parento-filial estabelecido, afirmando que quando mais baixa se apresentarem as competências literárias dos pais, menor será a frequência das interações comunicacionais.

Ainda uma outra variável que poderá afetar o canal comunicacional é o acesso às novas tecnologias de comunicação, tais como smartphones, redes sociais; transformou como as famílias interagem (Valkenburg & Peter, 2011). Permitindo estabelecer um contacto imediato com os significantes mais distantes fisicamente, promovendo a manutenção e a consolidação, dos laços familiares pré-estabelecidos, contudo; o uso excessivo de dispositivos eletrônicos pode levar à alienação e ao isolamento dentro da própria família (Radesky et al., 2016). Neste sentido, podemos conjecturar que com o crescimento de novas formas de comunicação, maior distanciamento comunicacional com significantes fisicamente próximos.

#### **4- Autoconceito**

O autoconceito é o conceito que os indivíduos elaboram acerca de si mesmos, emerge dos processos cognitivos podendo ser caracterizado por um sistema complexo e dinâmico de percepções, crenças e atitudes de um indivíduo sobre si próprio, que atua na interpretação e organização das experiências individuais, sendo suscetível à influência de fatores internos e externos (D’Affonseca, 2005); desta forma o autoconceito passa por ser uma representação mental tendo em consideração as características individuais, o qual é; concebido como uma construção teórica que o indivíduo realiza sobre si a partir de sua interação com o meio social, tendo também implicações da forma como orienta a sua conduta (Saldanha, Oliveira & Azevedo, 2011; Giavoni & Tamayo, 2003; Carvalho et al., 2017). Assim podemos inferir que a comunicação, as relações familiares, os estilos parentais, relações com os pares, entre outras dimensões portam significativa relevância respeitadamente à forma como o sujeito se autorrepresenta.

A relação parento filial, tem sido amplamente estudada e segundo os mesmos estudos a qualidade da relação tem importância no desenvolvimento social das crianças (Gomide,

2003). Outros autores, como Ferreira e Marturano (2002), McDowell e Parke (2002) e Marturano (2004), referem que a exposição da criança a práticas parentais e a ambientes de conflitos, violência e coerção, bem como um deficiente envolvimento do pai ou da mãe, são fatores precipitantes de risco para o desenvolvimento da criança/jovem e, aumentam a vulnerabilidade desta, a eventos ameaçadores (práticas delinquentes, envolvimento com substâncias psicoativas,...). Inversamente pais que geram um ambiente familiar acolhedor e estimulante, organizando contextos favoráveis, promovem o desenvolvimento positivo da criança, estabelecendo fatores de proteção diante de eventos ameaçadores a que geralmente as crianças são expostas (Del Prette & Del Prette, 1999, 2005; Dessen & Costa, 2005; Yunes, 2003), Gecas (2001) também refere que quando os pais fomentam um ambiente comunicacional aberto, no qual os filhos se sentem ouvidos, apoiados e respeitados, existe uma maior preponderância para estes desenvolver um autoconceito positivo. Deste modo é possível afirmar que; devido à constante influência de fatores provenientes da cultura, do feedback dado pela sociedade e de outras variáveis de natureza distinta, particularmente de ordem relacional e social (Melo, Giavoni, & Tróccoli, 2004); o autoconceito é um construto mutável.

Partindo dos pressupostos enunciados, podemos inferir que a comunicação desempenha um papel relevante, no que respeita à qualidade relacional evidenciada no núcleo familiar que, por sua vez, terá influência preponderante nas competências sociais e interpessoais, sendo estas características determinantes nos níveis de autoconceito. Cia e Barham (2005), corroboram o mesmo, dado que nas suas investigações sugerem que, quanto maior a frequência com que os pais se relacionam positivamente com os filhos, maior a influencia positiva na autoperceção destes últimos, referencialmente aos assuntos académicos. Contudo Peixoto (2004), propõe que a qualidade das relações familiares introduz diferenças nas dimensões académicas, mas não na autoestima nos sujeitos, devido a esta sofrer alterações sobretudo na adolescência.

Saldanha, Oliveira e Azevedo (2011) num estudo sobre o autoconceito, reiteram que “os adolescentes apresentam um autoconceito positivo, associados a uma auto-estima elevada, que pode constituir-se como um importante mecanismo protetor contra adversidades”. Adicionalmente Sapienza e Pedromônico (2005), afirmam que maiores níveis de autoconceito positivo promove no indivíduo o desenvolvimento da resiliência;

definida como a capacidade de um ser humano de se recuperar psicologicamente, quando submetido às adversidades, violências e catástrofes na vida (Pinheiro, 2004)

#### **4.1- Variáveis e Dimensões do Autoconceito**

À concepção teórica associada ao autoconceito está implícito um processo de interações e percepções que o sujeito tem de si próprio, como também a percepção que este tem, em relação à influência que a sua própria imagem exerce sobre os outros, nos mais diversos contextos, desta forma o autoconceito está intrinsecamente ligado a estes processos de interação e percepção. Monteiro (2012) refere que o autoconceito se compreende como um construto que engloba elementos cognitivos e comportamentais, sendo este caracterizado pela sua natureza multidimensional, enquanto a autoestima aparenta estar limitada a um único componente afetivo, unidimensional.

Afeto a este construto teórico estão vinculadas diversas variáveis que influenciam a formação evolução e conseqüentes transformações, tais como:

- Contexto/Ambiente familiar - A relação com os pais e a dinâmica familiar desempenham um papel crucial na formação do autoconceito (Harter, 2012). Um ambiente de apoio e aceitação tende a promover um autoconceito positivo, enquanto conflitos familiares podem prejudicá-lo.
- Contexto escolar- O desempenho acadêmico, as interações com os professores e colegas, bem como o grau de envolvimento nas atividades escolares, têm um impacto significativo no autoconceito dos adolescentes (Harter, 1999).
- Redes sociais e de comunicação- A exposição constante a imagens ideais de beleza e sucesso nas redes sociais pode afetar negativamente o autoconceito dos adolescentes, levando à comparação social e à insatisfação corporal (Perloff, 2014).
- Perturbações Emocionais- Problemas de saúde mental, como a depressão e a ansiedade, podem influenciar negativamente o autoconceito dos adolescentes (Orth et al., 2015).

Estas variáveis não se referem apenas ao construto geral do autoconceito, influenciando também as várias dimensões do autoconceito. Shavelson, Hubner e Stanton (1976) propõem um modelo, o qual considera o autoconceito como um construto organizado e estruturado, multifacetado e hierárquico, o qual apresenta uma maior estabilidade no seu construto genérico (autoconceito geral), tendo em consideração os restantes níveis hierárquicos inferiores, sendo estes a dimensão física, social e emocional. Quiles e Espada (2007) associam as seguintes dimensões ao autoconceito:

1. Académico: esta dimensão refere-se à sua perceção das capacidades que porta como também ao seu desempenho escolar e/ou académico;
2. Social: a dimensão social é o construto das relações sociais, referindo-se à perceção do sujeito sobre a adaptação e aceitação social acerca do próprio, bem como as suas competências interpessoais;
3. Pessoal e Emocional: relaciona-se com os sentimentos de pertença, sentimentos de bem-estar e satisfação, como também se refere à aceitação e confiança na suas próprias capacidades, nomeadamente o seu aspeto físico;
4. Familiar: o autoconceito familiar engloba os sentimentos que o sujeito nutre como parte integrante da sua família, refletindo assim a perceção deste acerca do seu papel e valor no seio familiar;
5. Global: esta é caracterizada como o construto de todas as outras dimensões, refletindo uma avaliação generalizada de si, tendo por base a análise das outras áreas.

## **4.2- Evolução do Autoconceito**

O autoconceito bem como as suas dimensões vão, com o avançar da idade, sofrer mutações. Palacios e Hidalgo (2000), afirmam que o autoconceito é menos diferenciado em idades precoces, contudo este se complexifica e torna-se mais diversificado no final da adolescência; ao mesmo tempo que o autoconceito se diversifica e aparecem novas dimensões conforme se avança na idade também se consolida uma autoestima (Nelas, P. 2018). As transformações que se refletem no autoconceito, estão intrinsecamente associadas à crescente capacidade de transição de visões concretas para conceções progressivamente mais abstratas e generalizadas (Palacios & Hidalgo, 2000).

Contudo, Pallas, Entwisle, Alexander, e Weinstein (1990), afirmam que o autoconceito tem um desenvolvimento mais vincado a partir do 1º ano escolar, quando a criança passa mais tempo com os pares, sendo exposta pela primeira vez a avaliações, sendo assim as suas competências comparadas com as demais crianças.

França e Montezuma (1994) evidenciam a existência de uma ligação significativa entre o desenvolvimento intelectual e o autoconceito, atestando que a “inteligência é responsável por estruturar e reestruturar um conhecimento de si mesmo, uma cognição, uma concepção, um conceito, isto é, um autoconceito”. (p. 12)

Para Arpini e Quintana (2003) o autoconceito pode ser definido como o produto de interações, nomeadamente, biológicas, sociais e psicológicas, destacando o papel fundamental das relações estabelecidas na família. O suporte transmitido dado e recebido pela família, pela forma dos padrões relacionais e comunicativos entre os seus membros, pode ser considerado como atenuante dos efeitos ansiogénicos, conseqüentemente tende a favorecer a competência social, bem estar psicológico, afeto positivo, sentimento de estabilidade e autoconceito positivo (Rigotto, 2006; Santos, 2006). Contudo, Baptista, Rueda e Brandão (2017) ressaltam que aquele que vivencia rejeição, poderá desenvolver um modelo de Eu desvalorizado.

Relativamente aos níveis de autoconceito, existe discordância na literatura, na qual há autores que defendem que o autoconceito enfraquece a partir dos 14 anos de idade, autores como Espinar (1982) e Jegede (1982), constatada por Veiga (1990), em certas dimensões, também Nelas (2018) encontra resultados estatisticamente significativos que demonstram que o autoconceito geral diminui em função da idade, no entanto, outros autores, defendem que com a evolução da idade e do desenvolvimento cognitivo do sujeito o autoconceito também aumentaria (Prontinsky & Wilkerson, 1986).

## Síntese

O presente capítulo decorre do dissecamento dos conceitos que constam no capítulo anterior, tendo por base a revisão da literatura, este explora a comunicação familiar e o autoconceito dos adolescentes, no qual através de uma abordagem exploratória investigamos aspetos essenciais relacionados com ambos os conceitos, relacionando-os com os anteriormente analisados.

Relativamente à Comunicação, além da sua caracterização no sentido lato e processo comunicacional, exploramos também os tipos, a comunicação parento-filial, destacando a importância de variáveis como a empatia e a escuta ativa para a promoção de um canal comunicacional entre progenitores e os seus filhos saudável e positiva.

Referentemente ao autoconceito, procedemos à sua caracterização no sentido geral, exploramos as variáveis que afetam o mesmo, as dimensões referentes a este, como também de que forma este evolui com o decorrer da idade do sujeito, relacionando-o com os conceitos previamente explorados destacando as influências que ocorrem no decorrer da adolescência, período este de importante relevo na formação da identidade, personalidade.

O capítulo seguinte é a materialização do estudo empírico com o intuito primordial de analisar qual o reflexo da comunicação familiar no autoconceito dos filhos adolescentes.

## **II-Estudo Empírico**

## 1- Introdução

Tal como exposto nos capítulos anteriores o desenvolvimento psicossocial do Ser é influenciado por diversos fatores, incluindo a comunicação. Este capítulo representa a efetiva realização do estudo empírico, que se dedica à exploração de que forma a comunicação familiar se reflete no autoconceito dos adolescentes, no qual os participantes têm como intervalo de idade entre os 10 e os 16 anos.

A questão central desta investigação prende-se à pretensão de conhecermos de que forma a comunicação familiar se reflete no autoconceito dos adolescentes, esta indagação tem como objetivo de escrutinar a complexidade interacional entre a comunicação parento-filial e a construção da perceção que os adolescentes apresentam sobre eles próprios.

Esta investigação tem como intuito geral, a identificação de que tipo de comunicação se destaca no seio familiar, nomeadamente a parento-filial, tendo em consideração outras variáveis, tais como a o sexo, idade e o nível socioeconómico(NSE), por sua vez tendo como objetivo geral da investigação é a correlação que possa existir entre esta comunicação e o autoconceito dos inquiridos.

Referentemente aos objetivos específicos estes centram-se na: a) identificação do tipo de comunicação parento-filial, tendo em consideração a variável sexo; b) considerando as variáveis idade e NSE, de que forma a comunicação difere; c) correlação entre a comunicação e o autoconceito; e por último d) de que forma difere o autoconceito em função da idade, sexo e NSE.

Abordando estes objetivos, perspectiva-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada na relação entre a comunicação familiar com o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes.

Analisaremos o método, considerando os participantes, os materiais utilizados para recolha de dados, procedimentos e consequentes resultados assim como a discussão de resultados, compreendendo como a comunicação familiar se reflete do desenvolvimento dos adolescentes, nomeadamente no seu autoconceito .

## Questões de investigação

No decorrer da elaboração do presente estudo as questões de investigação ficaram mais evidentes, estas questões poderão sofrer alterações à medida que se aprofunda o tema, sendo que as questões iniciais de investigação são as seguintes:

- A comunicação tem influência na perceção de autoconceito?
- Qual o tipo de comunicação parento-filial que mais se destaca ?
- Com o decorrer da idade cronológica, o autoconceito aumenta ou diminui?
- Qual o sexo com maiores níveis de autoconceito?

## 2-Objetivos

Quanto ao objetivo geral da presente investigação é o seguinte:

- Identificar qual o tipo de comunicação parento-filial predominante em contexto familiar e como é que esta se relaciona com o autoconceito, em participantes de ambos os sexos e escolaridade do 5º ao 11º ano, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos.

Esta investigação apresenta como objetivos específicos os seguintes:

- (a) Identificar o tipo de comunicação parento-filial tendo em atenção o sexo;
- (b) Verificar se existem diferenças no tipo de comunicação tendo em atenção a idade e o NSE;
- (c) Verificar se existe relação entre o tipo de comunicação e o autoconceito.
- (d) Verificar se existem diferenças no autoconceito em função do sexo, da idade, e do NSE;

## **Descrição das variáveis**

### **Autoconceito**

-Referentemente ao autoconceito este subdivide-se em 6 dimensões, as quais são nomeadamente, comportamento(AC), ansiedade(AN), estatuto intelectual(EI), popularidade(PO), aparência física(AF) e felicidade(SF), contudo para a medição do autoconceito geral esta foi gerada a partir do “cálculo de variável” traduzindo-se construto integral de todas as dimensões supramencionadas.

### **Comunicação**

-A escala utilizada, constituída por 20 itens, que prevê a avaliação de duas subescalas (10 itens cada), a Escada de Comunicação Aberta(ECA) e a Escala de problemas de Comunicação(EPC), tendo estas gerado:

- ECAmae-Escala de comunicação aberta com a mãe
- EPCmae-Escala de problemas de comunicação com a mãe
- ECApai-Escala de comunicação aberta com o pai
- EPCpai-Escala de problemas de comunicação com o pai

### **Sexo e Escolaridade**

-Relativamente ao sexo este foi dividido em dois grupos , sendo estes “Masculino” (1) e “Feminino” (2), não tendo sido consideradas as ideologias de género, apenas o sexo biológico.

Idade - 3 grupos

O intervalo de idades afeto a esta amostra, tem como seu mínimo os 10 anos e máximo 16 anos, tendo este intervalo sido considerado como critério de inclusão, devido à extensão apresentada pelo intervalo foi realizada a recodificação da variável em 3 grupos:

1. 10 aos 12 anos
2. 13 aos 14 anos
3. 15 aos 16 anos

Também o ano de escolaridade afeto à amostra de participantes foi igualmente reduzido

a 3 grupos:

1. 2º Ciclo – 5º +6º anos de escolaridade
2. 3º Ciclo – 7º+8º+9º anos de escolaridade
3. 3º Secundário – 10º+11º anos de escolaridade

### **NSE – Nível Socioeconómico**

O nível socioeconómico decorre das habilitações literárias de ambos os progenitores bem como as respetivas profissões, foi utilizada a “NORMA S. A. R. L.” de forma a reduzir para 5 níveis, sendo estas:

1. Alto
2. Médio-Alto
3. Médio
4. Médio-Baixo
5. Baixo

Estes 5 níveis foram agrupados de forma a gerar 3 níveis finais, facilitando posteriormente o tratamento de dados extraídos da amostra, sendo estes:

1. Médio-Alto – Médio-Alto(2)+Alto(1)
2. Médio – Médio(3)
3. Médio-Baixo – Médio-Baixo(4)+Baixo(5)

### **3. Método**

Concernente ao método, este passa pela caracterização dos participantes ao estudo, bem como variáveis afetas a estes, como também pelos procedimentos de acesso a estes bem como os materiais utilizados para a coleta dos dados. Trata-se de um estudo transversal e quantitativo .

### 3.1-Participantes

Os participantes são 41 (amostra por conveniência), com idades compreendido entre os 10 e os 16 anos ( $M=13.73$ ;  $Dp=2.025$ ), de ambos os sexos (%) e de diferentes NSE (Alto+Médio Alto; Médio; Médio Baixo+ Baixo), de instituições de ensino no Distrito de Lisboa. Foi definido apenas um critério de inclusão: ter uma idade igual ou superior a 10 anos e idade igual ou inferior a 16 anos.

Durante o período designado para a coleta de dados que alicerçam este estudo foram tomadas todas as providências, tendo em consideração os princípios éticos e deontológicos desde a coleta ao tratamento de dados, salvaguardando a confidencialidade e o anonimato.

Tal como expressam os dados sociodemográficos abaixo referidos (tabela 1) a amostra é estruturalmente composta por 21 (51.2%) rapazes e por 20 (48.8%) rapariga, perfazendo uma amostra total de 41 indivíduos.

As idades que integram a amostra são compreendidas entre os 10 e os 16 anos (tabela 1), apresentando desta forma congruência com os critérios de inclusão afetos ao estudo, designadamente a idade ( $M=13.73$ ;  $Dp=2.025$ ).

Em concordância com os dados sociodemográficos (tabela 1) a faixa etária dos 15 anos aos 16 anos, apresenta a maior prevalência, com 46.4% que correspondendo a 19 participantes, sendo 22% participantes do sexo feminino e 24.4% participantes do sexo masculino. Referentemente à compreensão de idades seguintes 10 aos 12anos e dos 13 aos 14anos, apresentam o mesmo número de participantes correspondendo a 26.8% da amostra respetivamente.

Tabela 1

*Caraterização dos participantes segundo sexo, idade e ano de escolaridade*

Ano de escolaridade			Idade			Total
			10 aos 12 anos	13 aos 14 anos	15 aos 16 anos	
2º Ciclo	Sexo	Masculino	5			5
		Feminino	4			4
	Total		9			9
3º Ciclo	Sexo	Masculino	1	4	1	6
		Feminino	1	5	2	8
	Total		2	9	3	14
Secundário	Sexo	Masculino		1	9	10
		Feminino		1	7	8
	Total			2	16	18
Total	Sexo	Masculino	6	5	10	21
		Feminino	5	6	9	20
	Total		11	11	19	41

Concernemente às habilitações literárias (tabela 2) da amostra de adolescentes ( $M=8.66$ ;  $Dp=2.008$ ), 5º e 6º ano referem-se ao 2º ciclo, o 3º ciclo abrange os 7º, 8º e 9º ano de escolaridade e por último 10º e 11º correspondem à frequência da amostra no ensino secundário. Mediante a tabela é possível constatar que a maioria dos participantes da amostra frequentam o ensino secundário (43.9%), seguido do 3º ciclo (34.1%) e por fim o 2º ciclo (22%).

Tabela 2

*Distribuição da amostra segundo o ano de escolaridade que frequenta*

	Ano de escolaridade							Total
	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano	11º ano	
N	4	5	3	3	8	10	8	41
%	9.8%	12.2%	7.3%	7.3%	19.5%	24.4%	19.5%	100.0%

Respeitantemente à estrutura familiar ( $M=1.29$ ;  $Dp=.716$ ) dos participantes da amostra (Tabela 3) é dividida da seguinte forma, 85.4% vive com o pai e mãe (família nuclear) e

14.6% vive exclusivamente com a mãe. Nenhum dos participantes incluídos na amostra respondeu que a sua estrutura familiar era “Apenas pai” ou “Outro”.

Tabela 3

*Distribuição da amostra segundo a estrutura familiar*

Adolescentes	Pai e Mãe	Apenas mãe	Total
N	35	6	41
%	85.4%	14.6%	100.0%

Alusivamente à caracterização do agregado familiar (tabela 7), segundo o nível socioeconómico, possível constatar que a amostra se encontra maioritariamente entre os níveis 2 e 3, sendo estes “médio” e “médio-baixo” respetivamente, sugerindo também que, a maioria do agregado familiar inerente à amostra é composto por 3 e 4 pessoas respetivamente.

Tabela 4

*Caraterização do agregado familiar quanto ao Nível Socioeconómico*

		NSE			Total
		1.00	2.00	3.00	
Agregado Familiar	2_pessoas	1	1	0	2
	3_pessoas	3	8	7	18
	4_pessoas	4	6	4	14
	5_ou_mais_pessoas	1	4	2	7
Total		9	19	13	41

### 3.2-Materiais

Além dos instrumentos empregados previamente à coleta de quaisquer tipo de dados, nomeadamente folhetos informativos (anexo a), consentimentos informados (anexo b) e consequentes assentimentos informados (anexos c), estes de forma a assegurar a participação voluntária e informada, a realização da presente investigação viabilizou a combinação de 3 (três) instrumentos, um dos quais um questionário

sociodemográfico (anexo d), possibilitando a recolha de dados como sexo, idade, escolaridade, entre outras variáveis, esta investigação fará uso também de duas escalas sendo elas as seguintes:

- Escala de comunicação parento-filial (PACS) (anexo e)
- Escala de Autoconceito de Adolescentes – Versão Reduzida (EAA-VR30) (anexo f)

### Questionário Sociodemográfico

Quanto ao questionário sociodemográfico, a sua utilização decorre de uma necessidade de contextualização acerca dos participantes, fornecendo informações relevantes à presente investigação, como o sexo, a idade do participante e dos pais, o ano de escolaridade que frequenta e NSE. Desta forma permite que a investigação se torne mais objetiva, diminuindo os vieses que pudessem ocorrer no decorrer da interpretação dos resultados, também ao fornecer um contexto para a compreensão da diversidade contextual acerca dos participantes e como fatores externos podem influenciar as relações familiares, nomeadamente a comunicação, consequentemente o autoconceito dos adolescentes.

### Parent-Adolescent Communication Scale (PACS; Barnes & Olson, 1985)

Este instrumento é focado para a avaliação do processo de comunicação bem como do conteúdo, sendo esta constituída por 20 itens de forma a avaliar a Escala de Comunicação Aberta(ECA) e a Escala de Problemas de Comunicação(EPC), cada subescala é composta por 10 itens cada, sendo esta uma escala de tipo Likert, com cinco pontos(1.*discordo totalmente*; 2.*discordo moderadamente*; 3.*nem concordo nem discordo*; 4.*concordo moderadamente*; 5.*concordo totalmente*).

No decorrer no processo de adaptação e validação da PACS (Lourenço, M., 2016) a Análise Fatorial Confirmatória(AFC) revelam um valor elevado e estatisticamente significativo do  $X^2$ , tanto na versão da comunicação com a mãe [ $X^2_{(150)}=275.152$ ,  $p<.001$ ] como na versão de comunicação com o pai [ $X^2_{(150)}=224.97$ ,  $p<.001$ ], outros índices foram

realizados de forma a compreender melhor a qualidade do modelo, tais como o CFI, GFI, RMSEA e IC90%, referentemente à mãe obteve os seguintes resultados: CFI=.91; GFI=.88; RMSEA=.05 e IC90% [.04, .07], relativamente ao pai apresentam: CFI=.90; GFI=.86; RMSEA=.07; IC90% [.06, .08].

Tendo em consideração os dados apresentados sugerem que o instrumento apresenta uma boa validade convergente e discriminante, pois apenas o item 11 apresenta um peso fatorial abaixo de  $|.30|$ , todos os outros itens apresentam um peso fatorial acima de  $|.40|$ . Quanto à adaptação portuguesa (autor, data) foi explorada a fiabilidade do instrumento através do Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ), que apresenta boa consistência interna em ambas as dimensões, Comunicação Aberta (CA) e Problemas de Comunicação (PC), tanto referentemente à mãe ( $\alpha_{CA} = .83$  e  $\alpha_{PC} = .77$ ) como ao pai ( $\alpha_{CA} = .91$  e  $\alpha_{PC} = .73$ ). A análise da sensibilidade foi realizada através do teste  $t$  para duas amostras independentes o qual sugere que não se observam diferenças significativas em nenhuma das dimensões da comunicação, referentemente ao sexo. No que refere à idade das crianças e adolescentes, observam-se diferenças significativas, na análise das correlações entre a idade e as dimensões da comunicação.

Referentemente à subescala ECA, esta inclui os itens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 16 e 17 de forma a mesurar o grau de abertura comunicacional na interação entre pais e filhos. Relativamente à EPC, os itens a que se refere esta são os itens 2, 4, 5, 10, 11, 12, 15, 18, 19 e 20, esta por sua vez mede a extensão dos problemas comunicacionais, no contexto familiar. Esta escala prevê respostas individualizadas, dirigidas tanto ao pai como à mãe.

Escala de Autoconceito de Adolescentes – Versão Reduzida (EAA-VR30) (Veiga e Leite, 2018)

A Escala de Autoconceito- versão reduzida (EAA-VR30) é constituída por 30 itens, sendo uma escala tipo Likert com 6 pontos (1.*discordo totalmente*; 2.*discordo muito*; 3.*mais em desacordo do que em acordo*; 4.*mais em acordo do que em desacordo*; 5.*concordo muito*; 6.*concordo totalmente*). Esta prevê a medição do autoconceito através de seis fatores, designadamente: comportamento(AC), ansiedade(AN), estatuto intelectual(EI),

popularidade(PO), aparência física(AF) e felicidade(SF). Os itens referentes a cada dimensão são os seguintes:

- (AC)- 3, 9, 15, 21 e 27;
- (AN)- 1, 7, 13, 19 e 25;
- (EI)- 6, 12, 18, 24 e 30;
- (PO)- 4, 10, 16, 22 e 28;
- (AF)- 2, 8, 14, 20 e 26;
- (SF)- 5; 11;17; 23 e 29.

No que respeita às qualidades psicométricas Veiga e Leite (2018) demonstraram que:

Relativamente à fidelidade esta foi realizada através do alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) de cada dimensão do autoconceito com os respetivos anos de escolaridade da amostra (10º, 11º e 12º), sendo que, na amostra total os coeficientes tendem a ser superiores, na amostra total apresenta coeficiente de .87 e em qualquer um dos anos apresenta um coeficiente de .86. Respeitantemente às dimensões do autoconceito apresenta os valores seguintes: AC=.73; AN=.73; EI=.70; PO=.74; AF=.79; SF=.73. Tendo em consideração os valores obtidos considera-se o teste confiável.

A validade do instrumento foi obtida através da análise fatorial das dimensões principais com rotação varimax, obtendo uma variância de 54,40%, sendo optado a colocação de cada item apenas num fator, considerando-se também o nível de saturação (predefinida como maior que 0.40), demonstrando aparente validade.

### **3.3-Procedimentos**

A temática que se prende à génese estrutural deste estudo, continua a ser objeto de estudo pela literatura científica.

Com vista ao cumprimento integral dos objetivos expostos, inicialmente foi realizada a revisão da literatura de acordo com a temática, tendo-se verificado a complexidade

envolta desta, bem como a pertinência por ser um tema atual, sentiu-se a necessidade de conduzir um estudo de forma a relacionar não apenas a comunicação e o autoconceito, como também de com as restantes dimensões, de forma responder às questões e objetivos supramencionados. Em conformidade com Botelho, Cunha e Macedo (2011), este procedimento é realizado quando se almeja realizar uma síntese e consequente análise do conhecimento científico já produzido acerca da temática em questão.

Tendo em consideração que se trata de um estudo realizado em campo, existiu a necessidade de realizar o Projeto de Investigação, sendo este submetido à Comissão de Ética da UFP (Universidade Fernando Pessoa), para a emissão de um parecer para o mesmo (anexo g), após o parecer positivo foram geradas articulações com instituições de ensino, em concordância com o intervalo de idades afeto a esta investigação.

Após autorização para a realização do estudo por parte do diretor da instituição, foi celebrada uma reunião junto dos Diretores de Turma, com a finalidade de apresentar a investigação e dialogar os procedimentos, ao abrigo do Código Ético e Deontológico Psicólogos (Diário da República, 2ª Serie, Parte E, nº 134, 13 de junho de 2021).

A investigação em psicologia deve respeitar os princípios gerais e específicos descritos no Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses de forma a produzir conhecimento científico válido, tendo consciência das consequências da sua investigação, respeitando a pessoas a sua a sua autonomia e proporcionando o bem-estar (OPP, 2011).

A responsabilidade pela entrega do folheto informativo, acerca da investigação, bem como o consentimento informado para firmação por parte dos encarregados de educação, recaiu sobre os diretores de turma. O consentimento informado destaca a importância da participação do aluno na investigação em estudo, contudo salienta também que a participação é voluntária.

Posteriormente à obtenção da autorização necessária para a participação dos seus educandos na investigação, através da firmação do consentimento informado por parte

dos encarregados de educação, em hora disponibilizadas pela escola, foi explicado o estudo auxiliado com folheto informativo, este direcionado aos participantes, e esclarecidas as dúvidas aos mesmos. Após a explicação e o esclarecimento de dúvidas, foi solicitado a firmação do assentimento informado, que depois foi recolhido e inserido em envelope fechado. Previamente ao preenchimento dos instrumentos foi informado novamente acerca os objetivos e finalidades do estudo, salientando o anonimato na sua participação, uma vez que os dados recolhidos não permitem informações sobre a identidade pessoal de cada participante. Também reforçado que a qualquer momento poderiam abandonar a investigação sem justificação e sem qualquer prejuízo.

Tendo o parecer positivo de todos os outorgantes, foram administrados os três(3) instrumentos, sendo o primeiro o questionário sociodemográfico, posteriormente PACS, sendo terminada a administração com EAA-VR30, com vista a recolher os dados necessários tendo em consideração os objetivos afetos ao presente estudo. A seleção dos instrumentos recaiu sobre o intervalo de idades a que se destinava o estudo [10;16], também de modo a minimizar eventuais desistências devido à possível fadiga, resultante da extensão dos instrumentos. Após o preenchimento cada participante colocou os seus protocolos dentro do envelope existente na secretária do professor, para esse efeito. Todo o material foi destruído após a inserção dos dados no SPSS – *Statistical Package for Social Sciences* (versão 29), programa que foi utilizado para o tratamento dos dados.

#### **4-Resultados**

A conceção deste estudo empírico, tem como finalidade de identificar qual o tipo de comunicação parento-filial predominante em contexto familiar e como é que esta se relaciona com o autoconceito, cujos participantes têm idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos de idade frequentando desde o 5º ao 11º ano de escolaridade, sendo este o objetivo geral.

Como objetivos específicos destacam-se os seguintes:

Objetivo 1: Identificar o tipo de comunicação parento-filial tendo em atenção o sexo.

Analisando as dimensões da comunicação, nomeadamente, comunicação aberta (ECA) e problemas de comunicação (EPC), através da análise da tabela 5 é possível constatar que, em média, a comunicação aberta com a mãe ( $M=38.63$ ;  $Dp=7.713$ ) é superior aos problemas de comunicação com a mesma ( $M=30.12$ ;  $Dp=7.298$ ), o mesmo se verifica com o pai, apresentado em média valores superiores para a comunicação aberta ( $M=34.07$ ;  $Dp=12.555$ ) em detrimento dos problemas de comunicação ( $M=26.32$ ;  $Dp=9.629$ ). Estes resultados sugerem que amostra apresenta maior comunicação aberta com ambos os progenitores do que problemas comunicacionais.

Tabela 5

*Comunicação com os progenitores em função da idade*

	N	Mínimo	Máximo	M	Dp
ECAmãe	41	17	50	38.63	7.713
EPCmãe	41	15	44	30.12	7.298
ECApai	41	0	48	34.07	12.555
EPCpai	41	0	43	26.32	9.629
N válido (de lista)	41				

Segundo a análise dos resultados obtidos através do teste  $t$  para duas amostras independentes (tabela 6), estes sugerem que, em média, os participantes do grupo “masculino” apresentam níveis superiores de comunicação aberta com a mãe que participantes do grupo “feminino”

Referentemente à comunicação com o pai de igual forma o grupo do sexo “masculino” apresenta níveis superiores de comunicação aberta com o pai que o grupo do sexo “feminino” .

Há diferenças significativas entre os participantes do sexo masculino e do sexo feminino quanto à comunicação aberta com a mãe e com o pai. Assim, são os participantes do sexo masculino que têm uma comunicação mais aberta com ambos os pais.

Tabela 6

*Resultados relativos ao teste t considerando tipo de comunicação com os pais e o sexo dos filhos*

	Sexo	N	Média	Dp	df	t	p
ECAmae	Masculino	21	40.05	5.954	39	1.209	.021
	Feminino	20	37.15	9.132			
EPCmae	Masculino	21	27.38	6.741	39	-6,242	.921
	Feminino	20	33.00	6.875			
ECApai	Masculino	21	35.76	9.919	39	.880	.038
	Feminino	20	32.30	14.893			
EPCpai	Masculino	21	25.67	7.625	39	-.439	.117
	Feminino	20	27.00	11.535			

Não existem resultados significativos a saber, quanto à escala de comunicação geral: em relação à mãe  $t(41)=0,400$ ,  $p=0,328$ ; e ao pai  $t(41)=0,361$ ,  $p=0,217$ .

Objetivo 2: Verificar se existem diferenças no tipo de comunicação segundo a idade e o NSE

Através da análise da tabela 7, resultante da análise obtidos através do teste ANOVA entre a comunicação e a idade, os resultados sugerem que existe diferenças estatisticamente significativas, relativamente à comunicação aberta com a mãe, bem como problemas comunicacionais com a mesma, quer dizer que à medida que idade aumenta também a comunicação aberta e os problemas de comunicação com a mãe também sofrem um incremento. Relativamente à comunicação com o pai não se observam diferenças significativas, independentemente da sua tipologia.

Tabela 7

*Apresentação dos resultados da variância quanto à comunicação com os pais e a idade dos participantes*

	N	M	Dp	Gl	P	Boferroni
ECAMae	41	38.63	2	38	.045	Há diferenças significativas entre os 10 e 12 anos e 15 e 16 anos, a favor entre os 10 e 12 anos.
EPCmae	41	30.12	2	38	.027	Há diferenças significativas entre os 10 e 12 anos e 15 e 16 anos, sendo estes últimos os que têm mais problemas de comunicação com a mãe.
ECapai	41	34.07	2	38	.318	-
EPCpai	41	26.32	2	38	.928	-

Quando consideramos o NSE e o tipo de comunicação verificamos que não existem diferenças significativas quanto à Comunicação aberta com a mãe  $F(2, 38) = 0,480$ ,  $p = 0,623$  problemas de comunicação com a mãe,  $F(2, 38) = 1,260$ ,  $p = 0,295$ ; quanto à Comunicação aberta com o pai  $F(2, 38) = 0,156$ ,  $p = 0,856$  problemas de comunicação com o pai,  $F(2, 38) = 0,467$ ,  $p = 0,631$

Objetivo 3: Verificar se existe relação entre o tipo de comunicação e o autoconceito

De acordo com a análise da tabela 8 o resultado referente à comunicação aberta com a mãe (ECAMae) apresenta correlação negativa significativa com o autoconceito na dimensão de comportamento e uma correlação positiva significativa com o estatuto intelectual, isto significa que quando existe comunicação aberta com a mãe, observa-se

uma diminuição no comportamento indesejável e um incremento no estatuto intelectual, conseqüentemente apresenta diminuição nos problemas de comunicação com a progenitora.

Alusivamente aos problemas de comunicação com a mãe, apresenta de igual forma valores significativos nas dimensões de comportamento e ansiedade, do autoconceito, sugerindo que quanto maior se verificarem problemas de comunicação com a mãe é possível constatar problemas no comportamento e aumento da ansiedade.

A comunicação aberta com o pai (ECApai) apresenta correlação negativa significativa com as dimensões de ansiedade e popularidade; correlação positiva significativa com a dimensão de aparência física, sugerindo que através do aumento de comunicação aberta com o pai a ansiedade e a popularidade diminuem, todavia a percepção de uma melhor aparência física aumenta. Relativamente aos problemas de comunicação com o pai, estes apresentam correlação positiva significativa na dimensão de comportamento, sugerindo que com o aumento de problemas comunicacionais, verifica-se de igual forma, maior recorrência de comportamentos indesejáveis no adolescente.

Tabela 8

*Relação entre a comunicação e o autoconceito*

		ECAMae	EPCmae	ECApai	EPCpai
Comportamento	Correlação de Pearson	-.437**	.446**		.308*
Ansiedade	Correlação de Pearson		.367*	-.436**	
Estatuto Intelectual	Correlação de Pearson	.574**			
Popularidade	Correlação de Pearson			-.551**	
Aparência Física	Correlação de Pearson			.502**	

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Objetivo 4: Verificar se existem diferenças no autoconceito geral em função da idade e NSE

Para a investigar este objetivo foi realizada a análise através do teste *t* de duas amostras independentes, relacionando o autoconceito geral com o sexo e posteriormente, através do teste ANOVA com a idade.

Ao analisarmos os resultados verificamos que não existem diferenças significativas quando consideramos o autoconceito geral e o sexo ( $t(39) = 2,132, p=0,287$ )

Quando consideramos o autoconceito geral e a idade verificamos que não existem diferenças significativas  $F(2,38) = 0,675, p = 0,515$

Ao consideramos o autoconceito geral e o NSE constatamos que não existem diferenças significativas  $F(2,38) = 0,675, p = 0,515$

Passamos agora à discussão dos resultados.

## 5-Discussão de Resultados

Os resultados obtidos a partir da amostra, designadamente relativamente ao objetivo 1, apresenta, de um modo geral uma maior preponderância para a *comunicação aberta* (ECA) em comparação com *problemas de comunicação* (EPC), além disso os resultados sugerem que o sexo masculino percebe a comunicação com os pais, em média, de forma mais positiva comparativamente com o sexo feminino, estes resultados corroboram com Johnson & Rollins (2018) os quais ressaltam a importância da comunicação aberta no contexto familiar; no entanto, esta percepção comunicacional pode sofrer variações entre os sexos o que ressalta a complexidade inerente às dinâmicas familiares. Portugal e Alberto (2013) ressaltam que quanto mais positiva for a percepção acerca do contexto

familiar, esta pode funcionar como um instrumento de mediação e proteção para comportamentos de risco, considerando que é na adolescência, segundo Wagner, Falcke, Silveira e Mossmann (2002), que existe uma maior propensão para a confrontação, para com a autoridade geral e a aceitação das regras e normas impostas pelo adulto.

Concernente ao objetivo 2, este delineado a fim de verificar a existência de diferenças na tipologia de comunicação segundo a idade e o nível socioeconómico, relativamente à idade, os resultados sugerem que há relação estatisticamente significativas entre a idade dos adolescentes em função da comunicação aberta com a mãe, existindo diferenças significativas entre os 10 e 12 anos e 15 e 16 anos, a favor entre o intervalo de idades dos 10 aos 12 anos, em relação aos problemas de comunicação com a mãe, existe igualmente diferenças significativas entre os 10 e 12 anos e 15 e 16 anos, sendo estes últimos os que têm mais problemas de comunicação com a mãe, relativamente ao pai não se verificaram diferenças significativas, contudo não foram encontradas diferenças significativas relacionadas ao NSE, estes resultados são congruentes com pesquisas de Steinberg (2014) que refere que na adolescência ocorrem diversas mudanças nas dinâmicas de comunicação; por vezes a comunicação parento-filial não é tão frequente quanto o desejável na perceção dos filhos (Cia, Pamplin & Del Prette, 2006), para Bester (2007) torna-se evidente que no decorrer desta etapa seja necessário para o desenvolvimento ideal do adolescente que exista uma redefinição das relações que este mantém seja com os pais ou com os pares, pois o tempo de relação com os pares aumenta. A inexistência de relação, aparente, entre a comunicação e o nível socioeconómico, pode ter relação com a heterogeneidade da amostra ou a fatores culturais específicos.

Respeitadamente ao objetivo 3, o qual prevê a identificação de relação entre a comunicação e o autoconceito dos adolescentes, o resultados provenientes da amostra, ressaltam que a comunicação aberta com a mãe e o pai apresenta implicações heterogêneas no autoconceito dos adolescentes. Em concordância com os resultados apresentados, denota-se que a comunicação aberta com a mãe está associada a menores comportamentos indesejáveis, menores níveis ansiogénicos, contudo maior estatuto intelectual por parte dos adolescentes, no entanto os problemas de comunicação com a mãe relacionam-se intimamente ao aumento de problemas comportamentais e níveis de ansiedade Gecas (2001) também refere que quando os pais fomentam um ambiente

comunicacional aberto, no qual os filhos se sentem ouvidos, apoiados e respeitados, existe uma maior preponderância para estes desenvolver um autoconceito positivo, corroborado pelo estudo de Araújo (2016) no qual ao estudar adolescentes brasileiros, os resultados sugeriram que aqueles que percebiam uma comunicação familiar positiva apresentavam maiores níveis de autoconceito. A comunicação aberta com o pai tem reflexo positivo em diferentes dimensões, tais como a ansiedade e popularidade, direta na dimensão de aparência física, sugerindo que através do aumento de comunicação aberta com o pai o comportamento indesejável, a ansiedade e a popularidade diminuem, todavia a aparência física aumenta, no entanto os problemas de comunicação com o progenitor encontram-se associados ao incremento de comportamentos indesejáveis.

Por fim o objetivo 4 tem como premissa base a relação entre o autoconceito geral evidenciado pela amostra com o sexo, a idade e o NSE, assim os resultados obtido revelam que os participantes do sexo feminino apresentam níveis superiores de autoconceito geral comparativamente aos adolescentes do sexo oposto, corroborando assim o estudo conduzido por Cunha (2016), o qual mostra que uma comunicação positiva está associada a maiores níveis de autoconceito das filhas adolescentes; contudo relativamente à análise segundo a idade sugere uma associação, negativa fraca, entre a idade e o autoconceito, indicando que os níveis de autoconceito são mais elevados em idades inferiores. Segundo a relação entre o autoconceito e o NSE não se verificam diferenças estatisticamente significativas, sugerindo assim que o contexto socioeconómico não influencia significativamente o autoconceito.

### **Síntese**

Este capítulo foi dedicado integralmente ao estudo empírico, no qual apresentamos os objetivos que se prendem a esta investigação, passando pela descrição das variáveis em estudo.

Concernente ao método, procedemos à caracterização da amostra, seguido dos materiais utilizados bem como os procedimentos adotados, em conformidade com as

normas e rigor ético requerido, desde a obtenção de parecer positivo junto da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa até ao tratamento de dados, consequentemente apresentamos e discutimos os resultados obtidos, destacando as diferenças e correlações significativas evidenciadas.

## **6-Conclusão Geral**

A génese da presente investigação, partiu essencialmente da pretensão em aprofundar a compreensão acerca das variáveis em estudo, designadamente a comunicação familiar e o autoconceito dos adolescentes, bem como a interseção entre ambos os construtos, tendo inicialmente por base a revisão da literatura, moldando-se e por fim materializando-se no presente estudo empírico.

A revisão da literatura permitiu não só dissecar e aprofundar as variáveis em estudo, como também relacionar as mesmas, permitindo assim, ampliar e enriquecer os horizontes delimitados para a compreensão de cada construto, além desta compreensão foi possível relacionar os mesmos, evidenciando a importância e a influência e a interdependência destes.

Partindo do racional teórico subjacente à presente investigação, as idades dos participantes compreendeu-se entre os 10 e os 16 anos de idade, em consonância com o postulado pela OMS e pela ONU em relação à adolescência.

Tendo por base a recolha de dados necessária para a produção destes resultados, os mesmos foram relacionados com os mais diversos elementos tais como a fase desenvolvimental implícita ao estudo, o sexo, o ambiente sócio-cultural e o NSE, traduzindo-se assim nos principais resultados, a mostra evidencia aparente preponderância para a comunicação aberta, com os progenitores independentemente do sexo, em detrimento dos problemas comunicacionais. Objetivamente, em relação à comunicação aberta com ambos os progenitores foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, assim sendo o sexo masculino, em média, percebe a comunicação com ambos os progenitores de forma mais positiva que o sexo feminino.

Concernente às diferenças entre a comunicação em função da idade dos adolescentes apenas se traduziram em resultados significativos a comunicação aberta e os problemas

de comunicação relativamente à mãe, sendo que relativamente ao pai não se constataram quaisquer diferenças significativas.

Em relação à comunicação e ao nível socioeconómico não foram evidenciados resultados significativos.

No que refere à correlação, entre a comunicação e o autoconceito dos filhos adolescentes, foram encontradas correlações estatisticamente significativas com ambos os progenitores, significando que a comunicação estabelecida com os progenitores tem marcada importância nas representações que os filhos fazem deles mesmos.

Por fim não existem diferenças significativas entre o autoconceito dos filhos adolescentes em função da idade e nível socioeconómico, contudo denotam-se diferenças significativas em função do sexo da amostra.

Lin, et al. (2008) e Rohany, Ahmad, Rozainee & Shahrazad (2011) concluem que a família bem como as implícitas características e relações, desempenham um papel crucial, no que concerne à maturação do adolescente, sendo fundamental na formação da identidade, personalidade, e do autoconceito, pois autores como Carvalho (2011), postulam que a esfera familiar é o primeiro ensaio das relações intrapessoais. Permitindo-nos conjecturar que poderá ter impactos significativos respeitante às interações com as diversas esferas inerentes ao sujeito.

O tema da adolescência é amplamente estudado, e continuará pelo facto de a maturação de qualquer ser humano passar por diversos estágios do desenvolvimento e estes mesmos influenciarem diretamente o desenvolvimento.

O presente estudo visa contribuir para uma maior compreensão de como a comunicação que apresenta a esfera familiar se reflete nas perceções dos adolescentes acerca deles mesmos, contribuindo desta forma para a promoção da comunicação familiar saudável e positiva salientando a importância das estratégias e das intervenções de forma a potencializar os fatores de proteção e o desenvolvimento saudável dos adolescentes.

No decorrer desta investigação, identificaram-se algumas limitações, nomeadamente a adesão de alguns progenitores para a efetiva colaboração dos seus educandos no estudo,

as reticências expressas, mais significativas, resultam no receio de que os dados recolhidos tivessem qualquer tipo de influência ou implicação nos órgãos governamentais de Segurança Social e Finanças, mesmo sendo expresso que não existira partilha de qualquer tipo de informação para elementos externos à investigação, assegurando a confidencialidade e anonimato dos participantes do estudo, além de que os instrumentos utilizados não permitiam a identificação única dos participantes. Também influências culturais e possam ter marcada influência nos resultados obtidos.

Conjetura-se que devido à centralização de dados a mesma não permite representar a população de adolescentes portugueses do intervalo de idades afetos a este estudo.

A presente investigação, prevê a possibilidade de reprodução da mesma, em diferentes regiões do país, como também a possibilidade de estudo de outras questões pertinentes a novas produções científicas, tais como: qual a relação entre a comunicação e o surgimento de perturbações mentais, designadamente, Perturbações de Ansiedade, Depressão, entre outros; Explorar a comunicação familiar em diferentes estruturas familiares além da nuclear e da monoparental.

## Referências Bibliográficas

Abadi, M., Kimiaee, A. & Amir, F. (2011). The Relationship between Parent's Child Rearing Styles and Their Children's Quality of Life and Mental Health. *Journal Psychology*, 2, 230-234

Alarcão, M. (2006). (Des)equilíbrios Familiares (3a ed). Quarteto.

Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23(2), 205-222.

Baptista, M. N. & Teodoro, M. L. M. (2012). *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenções*. Dados eletrônicos. Artmed.

Baptista, M., Rueda, F., & Brandão, E. (2017). Suporte familiar e autoconceito infantojuvenil em acolhidos, escolares e infratores. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 1-2. <https://dx.doi.org/10.24879/2017001100100212>

Barnes, H. L., & Olsen, D. H. (1985). Parent-Adolescent Communication and the Circumplex Model. *Child Development*, 56(2), 438-447.

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.

Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 61-69.

Bedene, M. R. (2010). Caderno Temático: *Reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes*. alunos matriculados no ensino fundamental. PDE. Universidade Fernando Pessoa.

Bergen, D. (2008). *Human development: Traditional and contemporary theories*. Pearson.

Berger, A. A. (1995). *Media research techniques*. Sage.

Bester, F. (2007). Personality development of the adolescent: peer group versus parent. *South African Journal of Education*, 27 (2), 177-190.

Blos, P. (1996). *Adolescência*. Martins Fontes.

Bolsoni-Silva, A. T., Paiva, M. M. & Caroline, C. G. (2009). Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: Um estudo de caracterização. *Psic. Clín*, 21(1), 169–184.

Bohanek, M. A., Marin, K. A., Fivush, R., & Duke, M. P. (2006). Family Narrative Interaction and Children's Sense of Self. *Family Process*, 45(1), 39-45.

Botelho, L., Cunha, C., & Macedo, M. (2011). O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11): 121-136. doi: <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>

Brofenbrenner, U. (2001). Human development, bioecological theory on. In N.J Smelser & P. B. Baltes(Eds.), *International Encyclopaedia of the Social and Behavioural Sciences*, 6963-6970. Elsevier.

Brofenbrenner, U. (2005). *Making Human beings Human: Bioecological Perspectives on Human Development*. Sage.

Capelinha, J. C. C. (2013). *A qualidade das relações de amizade na adolescência e as suas implicações ao nível do autoconceito e autoestima*. (Tese de mestrado não-publicada). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4(31), 393-406

Carr, A. (2006). *Family therapy. Concepts, process and practice*. (2nd Ed.). John Wiley & Sons.

Carranza, D. V. V. & Pedrão, L. J. (2005). Satisfacción personal del adolescente adicto a drogas en el ambiente familiar durante la fase de tratamiento en un instituto de salud mental. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 13(nº esp.), 836-844.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma Estrutura para a Terapia Familiar*. (2a ed). Artes Médicas. (Edição original de 1989)

Carvalho, A. F. N. (2011). *Análise dos fatores que levam os jovens a delinquir*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Jurídica, Universidade Fernando Pessoa.

Carvalho, R. G., & Novo, R. F. (2013). Características da personalidade e relacionamento interpessoal na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 12(1), 27-36.

Cervený, C. O., & Berthoud C. M. E. (2009). *Família E Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. 2 ed. Casa do Psicólogo.

Carvalho, R. G., Fernandes, E., Câmara, J., Gonçalves, J. A., Rosário, J., Freitas, S., & Carvalho, S.. (2017). Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 34(3), 379–388. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000300006>

Cia, F., & Barham, E. J. (2005). A relação entre o turno de trabalho do pai e o autoconceito do filho. *Psico*, 36, 29-35.

Cia, F., Pamplin, R. e Del Prette, Z. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*

2006, v. 16, n. 35, pp. 395-406. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300010>

Cia, F., Pereira, C., Prette, Z., & Prette, A. (2006). *Parents social skills and the parent-child relationship / Habilidades sociais parentais eo relacionamento entre pais e filho*. Psicologia Em Estudo.

Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). *Changing relationships, changing youth: Interpersonal contexts of adolescent development*. Wiley.

Costa, A. M. A. R. R. da. (2000). Influência da competência percebida na competência objectiva em alunos brilhantes. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23427>

Costa, A. M. A. R. R. da. (2000). Relações entre a Competência Percebida e o Talento a Matemática em alunos dos 8 aos 13 anos. Disponível em: <http://minerva-usc.es/handle/10347/6126>

Cummings E. M., & Cummings, J. S. (2002). Parenting and Attachment. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting*. Volume 5. (2nd ed). Lawrence Erlbaum Associates.

Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). *Marital Conflict and Children: An Emotional Security Perspective*. Guilford Press.

D’Affonseca, S. M. (2005). *Prevenindo fracasso escolar: Comparando o autoconceito e desempenho acadêmico de filhos de mães que trabalham fora e donas de casa*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de São Carlos.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Vozes

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2003). Habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem: teoria e pesquisa sob um enfoque multimodal. In A. Del Prette, & Z. A. P. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 167-206). Alínea.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática*. Vozes.

Dessen, M. A., & Costa, A. L. (2005). *A ciência do desenvolvimento humano*. ARTMED

Dessen, M. A. & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>

Dunn, J., Davies, L. C., O'Connor, T. G., & Sturgess, W. (2001). Family lives and friendships: The perspectives of children in step-, single-parent, and nonstep families. *Journal of Family Psychology*, 15(2), 272-287

Endicott, R., & Liossis, P. (2005). Australian adolescent's perceptions communication & feelings towards parents. *Youth Studies Australia*, 24, 24-32.

Espinar, R. S. (1982). *Factores de rendimento escolar*. Oikos-Tan.

Estévez-López, E., Musitu-Ochoa, G., & Herrero-Olaizola, J. (2005). El rol de la comunicación familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente. *Salud Mental*, 28 (4). Retirado de: [https://www.researchgate.net/publication/28229530\\_El\\_rol\\_de\\_la\\_comunicacion\\_familiar\\_y\\_del\\_ajuste\\_escolar\\_en\\_la\\_salud\\_mental\\_del\\_adolescente](https://www.researchgate.net/publication/28229530_El_rol_de_la_comunicacion_familiar_y_del_ajuste_escolar_en_la_salud_mental_del_adolescente)

Faria, L. (2005). Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes. *Análise Psicológica*, 4(23), 361-371. <https://doi.org/10.14417/ap.554>

Faria, H. (2015). Adolescência: o que esperar desta fase. Cuf. Disponível em: <https://www.cuf.pt/mais-saude/adolescencia-o-que-esperar-desta-fase>

Ferreira, M. C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44.

Fiese, B. H., & Winter, M. A. (2010). The dynamics of family chaos and its relation to children's socioemotional well-being. In H. E. Fitzgerald, B. M. Lester, & B. S. Zuckerman (Eds.), *Children of addiction: Research, health, and policy issues* (pp. 93-112). Routledge.

Fonseca, H. (2005). *Compreender os adolescentes: Um desafio para pais e educadores*. Editorial Presença.

Fraiman, L. (2011). *Meu filho chegou a adolescência, e agora? Como construir um projeto de vida juntos*. Editora Intergrare.

França, C. & Montezuma, M (1994). Projeto de ser: considerações sobre autoconceito, auto-imagem e auto-estima. *AMAE educando*, n.244, p. 11-14

Freitas, M. C. N. (2014). *O papel dos melhores amigos e do grupo de pares nas trajetórias de retirada social durante a adolescência* (Tese de doutoramento não-publicada). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Gardner, M. & Steinberg, L. (2005). Peer influence on risk taking, risk preference, and risky decision making in adolescence and adulthood: an experimental study. *Developmental Psychology*, 41(4), 625– 635. Recuperado a partir de <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.41.4.625>

Gaspar, T., Matos, M. G., Ribeiro, J. L., Leal, I., Erthart, M., & Ravens-Sieberer, U. (2012). Health-related quality of life in children and adolescents: Subjective wellbeing.

*Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 177-186. [Http://dx.doi.org/10.5209/revSJOP.2012.v15.n1.37306](http://dx.doi.org/10.5209/revSJOP.2012.v15.n1.37306)

Gaspar, T., Botelho, G., Cerqueira, A. e Matos, M. (2021). Adolescência. In I. Leal & J. Pais Ribeiro (Coords), Manual de Psicologia da Saúde 195-199. Factor

Gecas, V. (2001). The self-concept. *Annual Review of Sociology*, 27, 333-364

Giavoni, A., & Tamayo, A. (2003). Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19, 249-259.

Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. Em A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 21-60). Alínea.

Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. Guilford Press.

Harter, S. (2012). *The construction of the self: Developmental and sociocultural foundations*. Guilford Press.

Herbert, M. (2004). Parenting Across the Lifespan. In M. Hoghughi, & N. Long (Eds.), *Hand- book of Parenting. Theory and Research for Practice*. Sage Publications.

Hillaker, B. D., Brophy-Herb, H. E., Villarruel, F. A., & Haas, B. E. (2008). The contributions of parenting to social competencies and positive values in middle school youth: positive family communication, maintaining standards, and supportive family relationships. *Family Relations*, 57(5), 591-601. doi:10.1111/j.1741-3729.2008.00525.x

Jackson, S., Bijstra, J., Oostra, L., & Bosma, H. (1998). Adolescents' perception of communication with parents relative to specific aspects of relationship with parents and personal development. *Journal of Adolescence*, 21, 305-322.

Jakobson R.,(2001). *Linguística e comunicação*. Cultrix;

Jegade, R. O. (1982). A cross-sectional study of self-concept

Jiménez, A. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18(2), 215-231.

Lerner, R., Almerigi, J., Theokas, C., & Lerner, J (2005). Positive Youth development. *Journal of Early Adolescence*, 25, 10-16.

Lin, H. C., Tang, T. C., Yen, J. Y., Ko, C. H., Huang, C. F., Liu, S. C., & Yen, C. F. (2008). Depression and its association with self-esteem, family, peer and school factors in a population of 9586 adolescents in southern Taiwan. *Psychiatry and clinical neurosciences*, 62(4), 412–420. <https://doi.org/10.1111/j.1440-1819.2008.01820.x>

Loios, S. C. (2014). *A relação entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial do adolescente: efeito mediador das estratégias de coping*. Universidade de Lisboa.

Lourenço, M. (2016) *Comunicação Pais-Filhos e Ajustamento Psicológico de Crianças e Adolescentes Sinalizados e Não Sinalizados ao Sistema de Proteção Português de Crianças e Jovens em Risco*. Instituto Universitário de Lisboa.

Lopes, C. (2020). *Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial*. Dissertação de mestrado. Universidade Lusíada, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação.

Luís, K. (2011). *Estilos Parentais Percebidos Pelos Adolescentes*. Universidade Do Algarve.

Maldonado, M. (1997). *A comunicação entre pais e filhos* (22ª ed.). Saraiva.

Maluf, A. C. R. F. D. (2010). *Novas modalidades de família na pós-modernidade*. Atlas.

- Marshall SK. (2001). Do I matter? Construct validation of adolescents' perceived mattering to parents and friends. *Journal of Adolescence*, 24(4): 473-90.
- Martins, P. O., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 555-568.
- Marturano, E. M. (2004). Fatores de risco e proteção no desenvolvimento sócio-emocional de crianças com dificuldades de aprendizagem. Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.), *Avanços recentes em Educação Especial* (pp.159-165). EDUFSCar.
- McDowell, D. J., & Parke, R. D. (2002). Parent and child cognitive representations of social situations and children's social competence. *Social Development*, 11(4), 469-486
- McNaughton, J. (2000). Gender differences in parent-child communication patterns. *Journal of Undergraduate Research*, 3, 25-32.
- Melo, G. F., Giavoni, A., & Tróccoli, B. T. (2004). Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 251-256.
- Meschke, L. L., & Juang, L. P. (2014). Obstacles to parent-adolescent communication in Among American families: exploring pathways to adolescent mental health promotion. *Ethnicity & Health*, 19, 144-159. doi: 10.1080/13557858.2013.814765.
- Monteiro, V. (2012). Promoção do autoconceito e autoestima através de um programa de leitura a par. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(1),147-155.
- Moreira, C. (2008). *Estilos Educativos e Posturas parentais face aos estudos, estratégias de estudo, metas académicas e auto-conceito de alunos do 7º ano de escolaridade*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Morgado, L. V., Andrade, L. C., Santos, A. & Narezi, J. (2014). *Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente*. III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. 20 a 22 de Outubro.

Morgan, A. (2007). *Frameworks for Improving Young People's Mental Wellbeing: Assets and Defits Models*. Las Palmas: WHO/HBSC Forum, March 2007. Disponível em: <http://www.hbsc.org/publications/forum/>

Nelas, P. (2018). *Autoconceito em Adolescentes com Dificuldades de Aprendizagem*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais.

OPP. (2011). Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Obtido de Ordem dos Psicólogos Portugueses.

Orth, U., Robins, R. W., & Roberts, B. W. (2015). Low self-esteem prospectively predicts depression in adolescence and young adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(2), 325-338.

Osório, L. C. (1992). *Adolescente Hoje*. Artes Médicas.

Palacios, J. & Hidalgo, V. (2000). Desarrollo de la personalidad desde los 6 años hasta la adolescencia. In J. Palacios, A. Marchesi e C. Coll (Eds.), *Desarrollo psicológico y educación*. Alianza Editorial.

Pallas, A. M., Entwisle, D. R., Alexander, K. L., & Weinstein, P. (1990). Social structure and the development of self-esteem in young children. *Social Psychology Quarterly*, 53(4), 302-315.

Pagliuca, L. M. F., Barbosa, G. O. L., Wanderley, L. D., & Oliveira, P. M. P. de .. (2011). Análise da comunicação verbal e não verbal de uma mãe cega e com limitação motora

durante a amamentação. *Revista Brasileira De Enfermagem*, 64(3), 431–437.  
<https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000300004>

Papalia, D., Olds, S., & Duskin, R. (2006). The study of human development. In D. Papalia, S. Olds & R. Duskin (Eds.), *Human Development*, 8<sup>th</sup> ed., 44-61. McGraw-Hill Higher Education.

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*(8<sup>a</sup> ed.). McGraw Hill.

Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2008). *Human Development*, 115 ed. McGraw-Hill.

Patrick, M. R., Snyder, J., Schrepferman, L. M., & Snyder, J. (2005). The joint contribution of early parental warmth, communication and tracking, and early child conduct problems on monitoring in late childhood. *Child Development*, 76(5), 999- 1014.

Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento acadêmico. *Análise Psicológica*, 22, 235-244.

Perloff, R. M. (2014). Social media effects on young women's body image concerns: Theoretical perspectives and an agenda for research. *Sex Roles*, 71(11-12), 363-377.

Pinheiro, D. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo* [online]. 2004, v. 9, n. 1, pp. 67-75. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100009>>. Epub 01 Jul 2004. ISSN 1807-0329.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100009>.

Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013b). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: Estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29 (4), pp.381-391.

Proença, C. (2013). *Práticas Educativa Parentais e Comportamentos de Risco na Adolescência*. (Tese de mestrado não-publicada). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Quiles, M. & Espada, J. (2007). *Educar para a autoestima*. Keditora.

Rabaglietti, E., & Ciairano, S. (2008). Quality of friendship relationships and developmental tasks in adolescence. *Cognition, Brain, Behavior*, 12(2), 183-203.

Radesky, J. S., et al. (2016). Patterns of mobile device use by caregivers and children during meals in fast-food restaurants. *Pediatrics*, 138(6), e20160826.

Rath, S., & Nanda, S. (2012). Adolescent's self-concept: understanding the role of gender and academic competence. *International Journal of Research Studies in Psychology*, 1(2), 63-71.

Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas Formas de Família*. Quarteto Editora.

Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M. & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 9-51). Casa do Psicólogo.

Rigotto, D. M. (2006). Evidência de validade entre suporte familiar, suporte social e autoconceito. Dissertação. Mestrado em Psicologia. Universidade São Francisco.

Ríos-González, J. A. (1994). *Manual de orientación y terapia familiar*. Madrid: Fundación Instituto de Ciencias del Hombre.

Rodrigo, M., García, M., Máiquez, M., & Triana, B. (2005). Discrepancias entre padrese hijos adolescentes en la frecuencia percibida e intensidad emocional en los conflictos familiares. *Estudios de Psicología*, 26, 21–34.

Rohany, N., Ahmad, Z., Rozainee, K., e Shahrazad (2011). Family functioning, self-esteem self-concept and cognitive distortion among juvenile delinquents. *The Social Sciences* 6(2), 155-163. DOI: 10.3923/science.2011.155.163.

Saldanha, A., Oliveira, I., e Azevedo, R. (2011). O autoconceito de adolescentes escolares. *Paidéia* 2011, v. 21, n. 48, pp. 9-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100003>.

Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10,57-66.

Santos, C. e Shiratori K. (2005). A influência da comunicação não verbal no cuidado de enfermagem. *Rev Bras Enferm* 2005;58(4):434-7.

Santos, T. M. M. (2006). Evidência de Validade entre Percepção de Suporte Familiar e Traços de Personalidade. Dissertação. Mestrado em Psicologia. Universidade São Francisco.

Santos, J. L. (2011). *Casa de pais, escola de filhos: Estudo sobre transformações nos significados, valores e práticas de educar filhos em famílias de baixa renda*. Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica.

Sapienza, G., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E. F. M. (2009). Competência social, funcionamento adaptativo e rendimento acadêmico do adolescente. In R. C. Wielenska (Org.). *Sobre comportamento e cognição: desafios, soluções e questionamentos*. Esetec.

Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10, 209-216.

Schoen-Ferreira, T., Aznar-Farias, M. e Silvaes, E.,(2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* . 2010, v. 26, n., pp. 227-234. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>

Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family Communication*. Lawrence Erlbaum Associates.

Senna, S., & Dessen, M. (2015). Reflections about the health of the Brazilian adolescent. *Psicologia, Saúde & Doenças, 16*, 217-229. doi:10.15309/15psd160208

Shavelson, J., Hubner, J. J., & Staton, G.C. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research, 46*, 407-442.

Silva, A. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes*. Climepsi Editores.

Silva, C., Constantino, E, & Rondini, C. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de Psicologia, 29*(2), 221-230

Sprinthall, N. A., & Collins, W. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (3a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence, 11*(1), 1-19.

Steinberg, L. (2014) *Adolescence*. McGraw-Hill Education.

Stengel, M. (2011). O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Revista, 17*(3), 502-521

Sternk, J. (2010). *Self-Concept and self-esteem in adolescents with learning disabilities*. Dissertation in Master of Science in Education, School Psychology to the Graduate School University of Wisconsin-Stout Menomonie.

Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development, 16*(2), 310-325. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x>

Sudbrack, M. F. O. (2001). Terapia familiar sistêmica. Em S. D. Seibel & A. Toscano Jr. (Orgs.), *Dependência de drogas* (pp. 403-415). Atheneu.

Taborda Simões, M. C. T., Martins, R. C., & Formosinho, M. D. (2006). Regulação do exercício do poder paternal: aspectos jurídicos e avaliação psicológica. In A. C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. Taborda Simões, & M. S. Pinho (Eds.), *Psicologia Forense*. Almedina.

Torío, S. Peña, J. & Inda, M. (2008). Estilo de Educación familiar. *Psicothema*, 20(1), 62-70

Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8(esp.), 75-84.

Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2011). Online communication among adolescents: An integrated model of its attraction, opportunities, and risks. *Journal of Adolescent Health*, 48(2), 121-127.

Vaz-Serra, A. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, 2(6), 101-110.

Veiga, F. H. (1990). *Auto-conceito e disrupção escolar dos jovens*. Tese de Doutoramento em Psicologia Educacional. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Veiga, F., e Leite, A. (2018) Escala de Autoconceito de Adolescentes – versão reduzida (EAA-VR30): novos elementos da PHCSCS. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 22(1), 331-346. Instituto Superior Politécnico Gaya.

Viner, R. M., Ozer, E. M., Denny, S., Marmot, M., Resnick, M., Fatusi, A., & Currie, C. (2012). Adolescence and the social determinants of health. *The Lancet*, 379, 1641-1652. Doi:10.1016/s0140-6736(12)60149-4

Wagner, A.(2002).Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In A. Wagner (Coord.), *Família em Cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 23-38). Vozes.

Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. & Mossmann, C. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7, 75-80.

Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P. de ., & Silveira, P. G.. (2005). Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 18(2), 277–282. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200016>

Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1993). *Pragmática da Comunicação Humana. Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação*. (9a ed.). Editora Cultrix. (Edição original de 1967)

Zagury, T. (1996). *O adolescente por ele mesmo* (5a ed). Record.

Zagury, T. (2004). *Os direitos dos pais. Construindo cidadãos em tempos de crise*. 11. ed.. Ed. Record.

Zamberlam, C. O. (2001). *Os novos paradigmas da família contemporânea: Uma perspectiva interdisciplinar*. Renovar.

Zhiwen, X., Xiaoming, L., & Stanton, B. (2011). Perceptions of parent-adolescent communication within families: It is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16, 53-65. doi: 10.1080/13548506.2010.521563.

## **Anexos**

## Anexo a



No âmbito da minha Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, eu, Mário Manuel dos Santos Miranda, aluno da Universidade Fernando Pessoa, eu a desenvolver um estudo intitulado, “A comunicação familiar e o autoconceito dos adolescentes-perspetiva dos filhos”, sob orientação da Professora Doutora Ana Rodrigues da Costa.

Os objetivos do estudo são (a) Identificar o tipo de comunicação parento-filial segundo o sexo dos participantes; (b) avaliar o autoconceito; (c) Verificar se existem diferenças no autoconceito em função da idade e NSE; d) Verificar se existem diferenças no autoconceito em função do sexo, idade e NSE; (e) Verificar se existe relação entre a comunicação parento-filial e o autoconceito.

Para cumprir com os objetivos da investigação, é necessário recolher dados através de instrumentos anónimos: Questionário Sociodemográfico, Escala de comunicação parento-filial(PACS) e Escala de Autoconceito de Adolescentes –Versão Reduzida (EAA-VR30). Todos os dados recolhidos são totalmente confidenciais e usados apenas para fins estatísticos relacionados com a investigação científica, nenhuma informação possibilita a identificação única do participante.

É de salientar que a participação voluntária do seu educando é importante para o desenvolvimento do estudo.

Estou disponível para esclarecer quaisquer dúvidas através do email: [35297@ufp.edu.pt](mailto:35297@ufp.edu.pt) ou em reunião presencial/via zoom, se o desejar.

Deste modo, solicito que preencha os dados na declaração de consentimento informado, caso autorize a participação do seu educando

Agradeço a atenção e colaboração

## Anexo b

# DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

*Designação do Estudo (em português):*

**A COMUNICAÇÃO FAMILIAR E O AUTOCONCEITO DOS  
ADOLESCENTES: PERSPETIVA DOS FILHOS**

**Eu, abaixo-assinado (nome completo)** \_\_\_\_\_

**responsável pelo participante no projecto (nome completo)** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 20\_\_

**Assinatura do Responsável pelo participante no projecto:** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

**Nome:**

**Assinatura:**



## Anexo c

### Assentimento Informado, Livre e Esclarecido

Eu, Mário Manuel dos Santos Miranda, convido-te a participar no meu estudo sobre "A comunicação familiar e o autoconceito dos adolescentes-perspetiva dos filhos". Informo-te desde já, que o teu encarregado de educação permitiu a tua participação Para me ajudares a desenvolver esta investigação, preciso que preenchas três instrumentos:

Questionário Sociodemográfico: Questionário Sociodemográfico, Escala de comunicação parento-filial(PACS) e Escala de Autoconceito de Adolescentes – Versão Reduzida (EAA-VR30). Terás que responder em papel, com uma caneta a teu gosto.

Todos os dados que preencheres são totalmente confidenciais, o que significa que não são partilhados com outras pessoas

A tua participação é muito importante pra mim e para o meu estudo, contudo és tu que decides. A qualquer momento podes abandonar a investigação sem qualquer problema ou justificação. Em caso de existirem dúvidas, podes sempre perguntar e terás uma resposta

Se aceitares participar, preenche o texto abaixo. Obrigado pela tua atenção

Eu, \_\_\_\_\_ aceito participar na investigação. Entendi que posso aceitar ou negar a participação e todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assinatura do aluno

Assinatura do investigador

**Anexo d**  
**QUESTIONARIO SOCIODEMOGRAFICO**

**Sexo:** Feminino \_\_\_ Masculino \_\_\_ Idade \_\_\_

Ano de escolaridade que frequentas: \_\_\_\_\_

Idade do Pai: \_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Habilitações literárias: \_\_\_\_\_

Idade do Mãe: \_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Habilitações literárias: \_\_\_\_\_

**Estrutura familiar(com quem vives)**

- Pai e Mãe
- Apenas Pai
- Apenas Mãe
- Outro \_\_\_\_\_

Agregado familiar (número de pessoas que vivem na tua casa) \_\_\_ 2 \_\_\_ 3 \_\_\_ 4 \_\_\_ >4

Data de preenchimento do presente questionário

\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

## Anexo e

### Adaptação Portuguesa da Parent-Adolescent Communication Scale(PACS)

Nas linhas que se seguem encontra-se um conjunto de frases sobre a comunicação entre pais e filhos. Indica, por favor, até que ponto concorda com cada afirmação, de **1 (Discordo totalmente)** a **5 (concordo totalmente)**, assinalando a tua resposta com uma cruz (X) no número correspondente.

MÃE						PAI				
Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Nem concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente		Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Nem concordo nem discordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	1. Posso discutir as minhas ideias com a minha mãe/o meu pai sem me sentir constrangido(a) ou envergonhado(a).	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	2. Às vezes, tenho dificuldade em acreditar em tudo o que a minha mãe/o meu pai diz	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	3. A minha mãe/o meu pai é sempre um(a) boa/bom ouvinte.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	4. Por vezes tenho medo de pedir à minha mãe/ao meu pai o que quero.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	5. A minha mãe/o meu pai tem tendência a dizer-me coisas que seria melhor não dizer.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	6. A minha mãe/o meu pai consegue perceber como eu me sinto sem me perguntar.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	7. Estou muito satisfeito(a) com a forma como a minha mãe/o meu pai e eu conversamos.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	8. Se eu estivesse com problemas, poderia contar à minha mãe/ao meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	9. Eu mostro abertamente afecto para com a minha mãe/o meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	10. Quando estamos a ter um problema, muitas vezes respondo à minha mãe/ao meu pai com silêncio	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	11. Tenho cuidado com o que digo à minha mãe/ao meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	12. Quando falo com a minha mãe/o meu pai, tenho tendência a dizer coisas que seria melhor não dizer.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	13. Quando faço perguntas, obtenho respostas sinceras da minha mãe/do meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	14. A minha mãe/o meu pai tenta compreender o meu ponto de vista.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	15. Há assuntos que evito discutir com a minha mãe/o meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	16. Acho que é fácil discutir problemas com a minha mãe/o meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	17. É muito fácil para mim expressar todos os meus verdadeiros sentimentos à minha mãe/ao meu pai.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	18. A minha mãe/o meu pai resmunga/aborrece-me	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	19. A minha mãe/o meu pai insulta-me quando está zangada comigo.	1	2	3	4	5
1	2	3	4	5	20. Penso que não posso dizer à minha mãe/ao meu pai como realmente me sinto em relação a certas coisas.	1	2	3	4	5

## **Anexo f**

### **Escala De Autoconceito De Adolescentes: Versão Reduzida (EAA-VR30) DA PHCSCS**

Este questionário procura saber as perceções que tens acerca de ti próprio como pessoa e aquilo que fazes nas relações com os outros. Por favor responde às afirmações de acordo com a tua experiência, pensamentos e sentimentos. Não há respostas certas ou erradas. As repostas serão usadas unicamente na investigação, o anonimato é garantido e a informação é confidencial.

Por favor, faz um círculo à volta do número que melhor representa a tua opinião, de acordo com o seguinte critério:

- ① Discordo totalmente
  - ② Discordo muito
  - ③ Mais em desacordo do que em acordo
  - ④ Mais em acordo do que em desacordo
  - ⑤ Concordo muito
  - ⑥ Concordo totalmente
-

- ①②③④⑤⑥\_01. Tenho medo muitas vezes.
- ①②③④⑤⑥\_02. Sou bonito(a).
- ①②③④⑤⑥\_03. Meto-me frequentemente em sarilhos.
- ①②③④⑤⑥\_04. Sinto-me posto(a) de parte.
- ①②③④⑤⑥\_05. Sou uma pessoa feliz.
- ①②③④⑤⑥\_06. Faço bem os meus trabalhos escolares.
- ①②③④⑤⑥\_07. Choro facilmente.
- ①②③④⑤⑥\_08. Tenho uma cara agradável.
- ①②③④⑤⑥\_09. Meto-me em muitas brigas.
- ①②③④⑤⑥\_10. Sou dos últimos a ser escolhido(a) nas brincadeiras e nos desportos.
- ①②③④⑤⑥\_11. Sou infeliz.
- ①②③④⑤⑥\_12. Os meus colegas da escola acham que tenho boas ideias.
- ①②③④⑤⑥\_13. Sou nervoso(a).
- ①②③④⑤⑥\_14. Tenho o cabelo bonito.
- ①②③④⑤⑥\_15. Nas aulas estou distraído(a) a pensar noutras coisas.
- ①②③④⑤⑥\_16. Os meus colegas de turma troçam de mim.
- ①②③④⑤⑥\_17. Sou alegre.
- ①②③④⑤⑥\_18. Sou capaz de dar uma boa impressão perante a turma.
- ①②③④⑤⑥\_19. Fico nervosa(a) quando o professor me faz perguntas.
- ①②③④⑤⑥\_20. A minha aparência física desagrada-me.
- ①②③④⑤⑥\_21. Faço muitas coisas más.
- ①②③④⑤⑥\_22. Tenho dificuldades em fazer amizades.
- ①②③④⑤⑥\_23. Tenho sorte.
- ①②③④⑤⑥\_24. Sou um membro importante da minha turma.
- ①②③④⑤⑥\_25. Sou uma pessoa tímida.
- ①②③④⑤⑥\_26. Sou forte.
- ①②③④⑤⑥\_27. Porto-me mal em casa.
- ①②③④⑤⑥\_28. Nas brincadeiras e nos desportos, observo em vez de participar.
- ①②③④⑤⑥\_29. Estou triste muitas vezes.
- ①②③④⑤⑥\_30. Esqueço o que aprendo.

## Anexo g



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

*Das vobiscum ad alios e  
omnibus(a).*

Exmo. Senhor  
Prof. Doutor Pedro Reis  
Diretor da FCHS

*27.10.2023*

Nº	Data
FCHS/PSC – 408/23-4	24 de Outubro de 2023

Exmo. Senhor Professor Doutor,

A Comissão de Ética apreciou a resubmissão do projeto de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, apresentado por Mário Manuel Santos Miranda, intitulado "O reflexo da comunicação familiar no autoconceito dos adolescentes. Perspetiva dos filhos".

A Comissão de Ética nada tem a opor quanto à realização deste estudo desde que não se faculte aos pais informação sobre as respostas dos participantes.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente da  
Comissão de Ética da UFP

*Inês Lopes Cardoso*  
Inês Lopes Cardoso



FUNDAÇÃO ENSINO E CULTURA "FERNANDO PESSOA"

NPC. 502 057 602 • Reg. Comercial nº26 Conservatória do Registo Comercial do Porto

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
Praça 9 de Abril, 349 • 4249-004 Porto - Portugal  
T. +351 22 507 1300\* • <https://www.ufp.pt>  
[geral@fundacaofernandopessoa.pt](mailto:geral@fundacaofernandopessoa.pt)

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
Rua Carlos de Maia, 296 • 4200-150 Porto - Portugal  
T. +351 22 507 4630\* • <https://www.ufp.pt>  
[geral@fundacaofernandopessoa.pt](mailto:geral@fundacaofernandopessoa.pt)

FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
Praça 9 de Abril, 349 • 4249-004 Porto - Portugal  
T. +351 22 507 1300\* • <https://www.ufp.pt>  
[geral@fundacaofernandopessoa.pt](mailto:geral@fundacaofernandopessoa.pt)

\* (chamada para a rede fixa nacional)